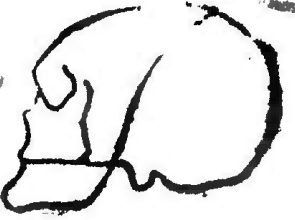


501

9957/5 

\sqrt{M}
24-2-24

40/13

ESTATUTOS
DO
SEMINARIO EPISCOPAL
DE
N. SENHORA DA GRASA
DA CIDADE DE OLINDA
DE PARNAMBUCO
ORDENADOS POR
D. JOZÉ JOAQUIM DA CUNHA
DE AZEREDO COUTINHO,
XII. BISPO DE PARNAMBUCO
DO CONSELHO DE S. Magestade Fidelissima,
FUNDADOR DO MESMO SEMINARIO.



L I S B O A
1798.
NA TYPOGRAFIA DA ACAD. R. DAS CIENCIAS.
Com licença da Meza do Dezembargo do Paço.



Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr.

Sua Magestade Manda remetter á Meza do Desembargo do Paço os Estatutos incluzos , feitos pelo Bispo de Pernambuco , para o regimen do Seminario daquella Diocese. E He Servida , que achando a mesma Meza , que elles não contém couza alguma contra os Direitos da Corôa , dê logo Licença para que o referido Bispo os possa mandar imprimir. Deos guarde a Vossa Excellencia. Palacio de Queluz em vinte e nove de Janeiro de mil setecentos noventa e oito.

D. Rodrigo de Souza Continho.

Sñr. Luiz de Vasconcellos e Souza.

INDICE.

P A R T E I.

Que contém o que pertence á obfervancia
Economica.

CAP. I. Da eleisaõ, que se áde fazer dos Seminaristas pobres. .	pag. 4.
CAP II. Do modo da eleisaõ, e entrada dos Co- legiaes do número.	5.
CAP III. Do vestido, e calfado, de que aõde uzar os Collegiaes.	8.
CAP IV Dos Collegiaes Extranumerarios, ou Porcionistas.	10.
CAP V Do Refeitorio. .	12.
CAP VI. Do cuidado, que deve aver dos En- fermos.	14.
CAP VII. Do Officio do Reitor. . .	17.
CAP VIII. Do Officio do Vice-Reitor.	21.
CAP IX. Do Officio do Sacristaõ. . .	22.
CAP X. Do Porteiro. . .	23.
CAP. XI. Dos Qfcios interiores. . .	24.
Do Barbeiro, e Refeitoreiro.	ibid.
Do Cozinheiro.	ibid.
Do Ajudante da Cozinha. . .	25.
Do Cerqueiro . . .	ibid.
Do Comprador. . .	ibid.
CAP XII. Do Cofre, que deve ter o Collegio.	26.
CAP XIII. Do modo de se tomarem annualmente as contas da receita, e despesa do Collegio.	28.

PAR-

Í N D I C E.

P A R T E II.

Que contém o que pertence á observancia Moral.

CAP. I. <i>Da obrigação do ómem a respeito de Deus.</i>	34.
CAP. II. <i>Da obrigação do ómem a respeito de si mesmo.</i>	38.
CAP. III. <i>Da obrigação do ómem a respeito dos outros ómens.</i>	40.

P A R T E III.

Da observancia Literaria.

CAP. I. <i>Das primeiras Letras.</i>	46.
<i>Do Profesor das primeiras Letras.</i>	ibid.
CAP. II. <i>Do Canto.</i>	52.
<i>Do Profesor do Canto.</i>	53.
CAP. III. <i>Da Gramatica.</i>	55.
<i>Do Profesor da Gramatica Latina.</i>	ibid.
CAP. IV. <i>Da Rétorica.</i>	58.
<i>Do Profesor da Rétorica.</i>	ibid.
CAP. V. <i>Da Filozofia.</i>	60.
<i>Do Profesor de Filozofia.</i>	61.
CAP. VI. <i>Da Jeometria.</i>	63.
<i>Do Profesor de Jeometria.</i>	ibid.
CAP. VII. <i>Da Teolojia.</i>	55.
<i>Do Profesor da Istoria Ecclesiastica.</i>	68.
<i>Do Profesor de Teolojia Especulativa.</i>	70.
<i>Do</i>	

INDICE.

	<i>Do Professor de Teologia Prática.</i>	74.
	CAP. VIII. <i>Dos Compendios.</i>	81.
	CAP. XI. <i>Das Lições.</i>	82.
	CAP. X. <i>Dos Exercícios vocaes cotidianos.</i>	83.
	CAP. XI. <i>Dos Exercícios vocaes Semanarios.</i>	84.
	CAP. XII. <i>Dos Exercícios Semanarios por escripto.</i>	85.
	CAP. XIII. <i>Do tempo lético, e feriado, e da distribuição das horas do estudo em cada uma das Aulas.</i>	ibi.
	CAP. XIV. <i>Da forma dos Exames annuaes.</i>	87.
	CAP. XV. <i>Da idade, que devem ter os Estudantes para se poderem matricular em Teologia.</i>	89.
	CAP. XVI. <i>Dos Sermões, e Orações, que em cada ano se aõ de recitar no Collegio para exercitar os Alunos.</i>	90.
	CAP. XVII. <i>De algumas advertencias a respeito dos Professores.</i>	91.
	CAP. XVIII. <i>Da ordem das precedencias nos Atos Literarios.</i>	92.
	CAP. XIX. <i>Das Opozisões ás Cadeiras.</i>	93.
	CAP. XX. <i>Do Director dos Estudos.</i>	96.
	CAP. XXI. <i>Do Vice-Director dos Estudos.</i>	97.
	CAP. XXII. <i>Da Congregação Literaria.</i>	98.
	CAP. XXIII. <i>Do Secretario das Congregações Li- terarias.</i>	100.
	CAP. XXIV. <i>Do Bibliotecario.</i>	101.
	CAP. XXV. <i>Do Officio do Bedel.</i>	103.

ESTATUTOS

D O

SEMINARIO EPISCOPAL DE NOSA SENHORA DA GRASA DE PARNAMBUCO.

A NATUREZA umana corrompida pela primeira culpa é em extremo propensa para o erro, e para os deleites terrenos, em os quaes parece querer constituir a sua felicidade. Se o ómem desde a sua tenra idade não tiver quem o eduque na piedade, na Religião, e nos bons costumes antes que o possuão os ábitos dos vícios, nunca virá a conseguir a perfeita observancia dos deveres de um verdadeiro Cristão, e das obrigações da Sociedade, sem um grande, e extraordinario auxilio da Onipotencia.

Por esta razão a Igreja divinamente illustrada, determinou ouvêse em cada Bispado um Colégio, que fosse unicamente deputado para a educação da Mocidade, e rejido nos estudos das virtudes, e das ciencias com tão particular cuidado, que esse Colégio seja um perpétuo Seminário de Ministros de Deus.

Logo que a Divina Providencia Nos pôs (sem merecimentos nósos) no governo da Igreja de Par-

A

nam-

nambuco , as nósas primeiras vistas se dirijiraõ a pôr em execusaõ uma óbra , que álem de ser grandemente recomendáda pelos Pádres do Concilio Tridentino , é em si mesma o máis próprio objéto da vigilancia , e cuidádo dos Pastores da Santa Igreja. E por isto Nós sem perdermos tempo , nem perdoármos a trabálho cuidámos em crear , e estabelecer na Cidade de Olinda um Collegio , para nele se instruir a Mocidade da nosa Dioceze no conhecimento das verdádes da Religiaõ , na prática dos bons costumes , e nos estudos das ártes , e ciencias , que são necesárias para pulir o ómem , e fazer Ministros dignos de fervirem á Igreja , e ao Estádo.

Para este fim concorreu piedozza , e liberálmente a Nosa Augusta Soberana sempre pronta a fazer felices os seus vafalos , doando á Mitra de Parnambuco por seu Alvará de 22 de Marfo de 1796 o Colégio , e Igreja , que foi dos Jesuitas , com todas as suas pertensas ; para nele estabelecermos os fundos necesários para a susistencia do mesmo Collegio ; e darmos uma nóрма , pela qual se dirija a observancia do governo domestico , dos costumes , e das ciencias ; dispondo em bréve regulamento um plano , pelo qual se ájaõ de rejer com fruto os Alunos deste novo Collegio.

E porque são tres as materias diferentes , de que se compoem todo o edificio desta grande obra , convem á saber , a economia do governo interior da Caza , o regulamento dos costumes , e o da diresaõ dos Estudos , que fazem todo o carater de um Collegio regular ; por isto dividimos estes Estatutos

em

em tres partes, das quaes a 1.^a trata da obfervancia Economica, a 2.^a da Moral, a 3.^a da Literaria.

E como Nos não poupamos a algum trabalho, para que eftes Estatutos faiaõ conformes ao fim, que prefcreve o dito Concilio; quanto permitirem as forfas do nofo Pastoral Officio, podêmos ter uma efperança bem fundada de que por eles fe formem fujeitos dignos da nofa expétafaõ, e que firvaõ de gloria ao Collegio, de ornamento á Patria, de utilidade á Igreja, e de bem ao Estado.

PARTE PRIMEIRA.

Que contém o que pertence á observancia
Economica.

CAPITULO I.

Da eleição, que se áde fazer dos Seminaristas pobres.

REFLETINDO Nós feriamente, que a ereção dos Seminarios foi propriamente instituida para educar nas virtudes, e ciencias os Meninos pobres, e orfãos, inabilitados para se poderem sustentar nos estudos; e que para se conseguir este fim com o fruto dezejado é necessaria regra por onde se regule a escolha dos que aão de fazer a corporação destes Alunos; determinamos os Estatutos seguintes.

§. 1. Que o sujeito, que ouver de ser admitido a Collegial do número, deve ser natural do Bispado, pobre, órfão, ou filho de Páis pobres, que não tenhaõ possibilidade para o sustentar nos estudos; e que seja auido de legitimo matrimonio, sem nota, ou infamia de jérasão das reprovadas em Direito; e que ao menos tenha doze anos de idade.

§. 2. Que saiba ler, e escrever suficientemente; que seja de enjenho vivo, e bom procedimento; e que não seja axacado, doente, ou contaminado de mal contagiozo.

§. 3. Que de todas as Fréguezias do Bispado
le-

seguidamente se aõ de tirar os Collegiaes , que aõ de preenxer o numero , que se ouver de estabelecer , para serem educados á custa do Collegio : bem entendido , que nenhuma Fréguezia ficará excluida de dár a seu tempo um Menino pobre para Collegial do número ; exceto no cazo em que o naõ tenha com os requizitos asima declarádos ; mas entaõ ficará esa Fréguezia esperada para a outra ves , que por seu turno lhe tocar.

§. 4. Que as duas Fréguezias do Recife , e de Santo Antonio , como mais populozas , e que mais aõ de concorrer para a sustentasaõ de obra taõ pia , como é a de um Seminario de educaçaõ de Meninos pobres , teraõ o privilejio de apresentar cada uma delas dois Estudantes seus naturaes para serem educados no Collegio ; mas á cada uma das outras (sem excésaõ da da Boavista) naõ se aceitará mais do que um só de cada ves , que lhe tocar ; e se repetirá este privilejio do número dobrado a favor das ditas duas Fréguezias todas as vezes , que pela alternativa dos seus turnos lhes tocar o dar Collegiaes , depois de terem concorrido as outras com os seus.

C A P I T U L O II.

Do modo da eleisaõ , e entrada dos Collegiaes do número.

PARA naõ aver para o futuro alterasaõ sustancial , ou introdusaõ de abuzo , que prejudique a boa ordem , e justisa , que deve regular os
que

que vivem em Comunidade em um mesmo espirito, e debaixo de uma mesma observancia ; determinamos o seguinte.

§. 5. Que logo que vagar algum lugar de Collegial do numero , o Reitor do Collegio fará avizo ao Provizor do Bispado , para que na nosa Camara mande lavrár Edital , que será por ele afinado, e selado do noso Selo menor; e para a Freguezia , a que pertencer dár Collegial segundo a ordem do seu turno , será remetido o mesmo Edital declarando-se nele o lugar vago de Collegial do numero , as qualidades , que deve ter o Sujeito , que pertender entrár no dito lugar na forma que fica ordenado nos Estatutos 1.º e 2.º , e o tempo que se permite de espéra para que os Pertendentes da dita Freguezia appareçam com suas petições ; cujo tempo será regulado por dês dias contados da publicação do Edital naquelas Freguezias , que não tiverem mais de duas legoas de extensão , e de vinte dias nas que compreenderem maior extensão : e o Paroco da Freguezia será obrigádo a publicar o dito Edital á estafádo da Misa Conventuál , e afixálo na porta da Igreja pelo tempo nele determinado ; findo o qual , o remeterá ao mesmo Provizor com certidão sua de que executou na forma , que nele se declara.

§. 6. Que em atensão á grande distancia , em que ficaão as Fréguezias do Certaão , e que sem notavel incomodo não poderáão os Pertendentes vir de taão longe requerer a sua entrada no Collegio com a duvida de serem , ou não aceitos ; determinamos

namos que , sendo publicado o mencionado Edital em alguma das Freguezias do Certoão , o Paroco juntamente com o Vigario Foraneo do destrito , (e sendo este o proprio Paroco , com outro Paroco mais vizinho) , e com approvação dos Véreadores do Senado da Camara respétiva , poderá eleger um Estudante , que tenha as qualidades , e requizitos declarados no Editál ; e não será por Nós admitido ao Collegio , sem Nos apresentar com a sua petição a certidão do seu batismo , e as tres atestações da sua eleição passadas pelos referidos Paroco , Vigario Foraneo , e Véreadores.

§. 7. Que nenhum Collegial será admitido no Collegio sem approvação , e licença nosa por escrito.

§. 8. Que o Pertendente , que fôr por Nós admitido para entrar no Collegio , apresentará o noso despáxo ao Reitor do Collegio , o qual lhe determinará o dia da sua entrada ; e nesse dia perante duas , ou tres testemunhas , que o conduzirem , ou de outras do mesmo Collegio , declarará ao Pertendente o fim para que é admitido ao Collegio ; que é o aproveitar nas virtudes , e ciencias necessarias para bem servir á Igreja em utilidade do proximo ; e lhe intimará a obediencia , e respeito , que deve ter a todos os seus Superiores , e aos Profesores , com os quaes ouver de aprender ; e finalmente a observancia destes Estatutos , e das obrigações , e encargos , a que deve estar sujeito por todo o tempo , que estiver no Collegio , sob pena de ser castigado , até ser lançado fora do mesmo Collegio. E ouvida assim a promessa , que o Pertendente deve dar

dar por palavras claras , e expresas de modo que percebaõ todos os que estiverem presentes , procederá ao áto de lhe fazer vestir a Béca de Collegial.

C A P I T U L O III.

Do vestido , e calçado , de que aõde uzar os Collegiaes.

PEDE a boa economia , que os vestidos para o uzo de caça sejaõ diversos daqueles , que aõ de trazer os Collegiaes , quando apparecerem em publico , ou fairem á rua : para o que ordenamos o seguinte.

§. 9. Que além da cama , e roupa branca , que devem trazer das suas cazas para o seu uzo , traráõ tambem um roupaõ de druguete preto , a que xamaõ samárria , sem sobremangas , abotoado todo por diante , do qual uzaráõ cotidianamente no Collegio , e nas Aulas : no publico porém , e na rua andarão vestidos de béca de durante roxo claro sem mangas , e aberta algum tanto pelos lados com cauda , que dobre no xão um palmo ; a qual deve fer apanhada debaixo do braço esquerdo , quando caminharem ; e andarã sempre sobre batina , que desa abotoada até os tornozelos ; e sobre a mesma béca acomodaráõ a estóla , que será de durante verde , cujo meio fique pendente sobre o peito , e as duas pontas lanfadas sobre os ombros , para as costas ; e teráõ o pescoço coberto com cabesaõ , e volta ; e na maõ , ou na cabesa traráõ gorros de pano , ou de druguete

guete preto, que não excedaõ o comprimento de dois palmos.

§. 10. Que as meias, sapatos, e fivelas sejaõ proporcionádas á sua pobreza; e quando sairem á rua, levaráõ meias de laia pretas, ou de linha de côr onesta, mas nunca de seda; por serem impróprias da pobreza, a cujo titulo foraõ admitidos.

§. 11. Que será cada um obrigado a trazer uma árca, ou baú, em que se acomode, e guarde a sua roupa, assim branca, como de côr, para ser conserváda com o devído afeio; e de toda esa roupa se fará um ról com toda a individuação, o qual será afinado pelo Vice-Reitor, e pregado no interior do tampo da mesma árca, para por ele se tomar conta da roupa, que levou para o Collegio, quando ouver de sair dele, ou todas as vezes que ao Reitor parecer. Assim como tambem da roupa, que cada um dér a lavar, fará de sua letra um ról, para por ele se lhe poder entregar; e para se evitarem os descaminhos, que podem acontecer, deve toda a roupa branca ser marcada.

§. 12. Que o Collegio de tres, em tres anos será obrigado a dár béca nova aos Collegiaes do número, excetuando a primeira, a qual deve cada um trazer de sua caza, para entrar no Collegio; como tambem deve trazer os livros, que lhe forem necesarios para os estudos. Igualmente será o Collegio obrigádo a mandar lavar á sua custa a roupa branca de todos os Collegiaes, e das pessoas, que servirem nele; e além diso a ter Barbeiro, Cirurgiaõ, e Medico pagos annualmente, para fazer as bar-

bas duas vezes na semana aos que diso necessitarem; e para curar nas doencas os Collegiaes do número, que forem tão pobres, que não tenham em suas cazas possibilidade para o fazer; e dár-lhes os remedios, e as galinhas, que forem precisas, para as enfermidades, que tiverem, depois de entrarem no Collegio.

C A P I T U L O IV

Dos Collegiaes Extranumerarios, ou Porcionistas.

NÃO foi instituida tão sómente para os pobres a fundação dos Seminarios: á imitação da Divina Providencia, que a pequenos, e grandes, a pobres, e ricos abrange geralmente com os tezoiros da sua Misericordia, determinou a Santa Igreja que dos Seminarios, que mandou instituir para os pobres, não fossem excluidos os ricos, com tanto que estes se sustentem á sua custa. Por esta razão conformando-nos com as pias intensões da Igreja declarámos, que serão admitidos no Collegio os filhos daquelas pessoas, que se obrigarem a dár anualmente a congrua sufficiente para a sua sustentação: para o que determinámos o seguinte.

§. 13. Que logo que fôr por Nós aceito algum Porcionista, o qual deverá ter a maior parte das qualidades, que ficam declaradas nos Estatutos 1.º e 2.º, irá juntamente com seu Pai, Tutor, ou Procurador, ajustar com o Reitor do Collegio a congrua anual, com que deve contribuir para a sua sustentação.

tentação ; e o mesmo Reitor lhe fará saber a congrua, que avemos estabelecer , segundo a caristia dos tempos occurrentes , sem que fique lezado o Collegio.

§. 14. Que a mencionada congrua , para os alimentos do Collegial Porcionista , será paga adiantada , e satisfeita ao mesmo Reitor , logo no principio de cada anno letivo ; ou se prestará fiança de pessoa abonada moradora na Cidade de Olinda , ou na Vila do Recife , que se obrigue , por escrito assinado por ambos , a pagar prontamente todos os quartéis , debaixo da pena de que faltando a algum quartel ser o Collegial despedido ; o que se fará antes da entrada do Collegial , para cuja recésaõ , se observará tudo o que fica determinado nos Estatutos , 8 , 9 , e 11

§. 15. Que os Collegiaes Porcionistas , para se conservar a união , e uniformidade da Sociedade , aõ de ser tratados na meza , e comida com igualdade aos Collegiaes do número : da mesma forma serão obrigados a uzar de vestidos , principalmente exteriores , sem differença alguma dos outros ; por ser conveniente que aqueles , que vivem como irmãos em uma mesma Comunidade , se vistão dos mesmos trages , e sejaõ rejidos pelas mesmas leis , e costumes , das quaes nenhum Porcionista será já-mais excétuado , nem dispensado , por mais distincto , e rico que seja ; e este Estatuto lhes será lido nos dias das suas entradas , para que logo fiquem perdidas as esperanças de toda , e qualquer distincção , que não lhes será admitida , por ser prejudicial ás Comunidades.

CAPITULO V.

Do Refeitório.

Como este Collegio é Caza de criação de pessoas de menor idade, que trabalham com todo o espirito em decorar as lições dos seus estudos, e são de natureza cálida, e de facil digestão, é necessario, que sejam alimentados por vezes entre dia, para que não aconteça enfraquecer-se esta mesma natureza com a falta de alimento, e venhão a perder-se as despesas do Collegio, e dos Pais, que nele depozitarem seus filhos: determinamos

§. 16. Que todos os dias, que não forem de jejum de preceito, ou Sabado (dia que é propriamente dedicado a Nossa Senhora, de quem devem ser muito devotos todos os que estudam) aos três quartos para as oito horas da manhã averá no Refeitório almoço pronto para os Collegiaes. Na Quaresma porém além dos Sabados fereão também exceptuadas as quartas feiras, em as quaes devem jejuar os que não tiverem a idade competente para a obrigação do jejum; para que assim se vão logo acostumando para quando a tiverem.

§. 17. Que ás onze horas e meia da manhã se faça final com a campá para o jantar, o qual nunca constará de menos de quatro pratos com o da sobremesa: e assim que entrarem todos para o Refeitório, o Reitor, ou outro Sacerdote de seu mandado, estando todos em pé por diante das mezas,

as benzerá com as preces, que trás o Breviario; e nenhum se sentará, sem que primeiro se sente o Reitor, Vice-Reitor, e as outras pessoas de maior idade, ou authoridade; depois do que tomará cada um o asento, que lhe competir pela ordem das suas antiguidades no Collegio; excéto os Collegiaes, que forem de Ordens Sacras, os quaes devem preferir aos de Ordens Menores, e aos Seculares, ainda que estes sejaõ mais antigos.

§. 18. Que logo que estiverem sentados á meza, um dos Collegiaes por sua alternativa (que será continuada por cada semana) subirá ao pulpi- to, ou cadeira para isto destinada, e lerá um capitulo da Sagrada Escriitura, e lisaõ espiritual, á qual estarãõ todos atentos, dando pasto ao espirito, ao mesmo tempo que alimentaõ o corpo; e naõ poderãõ falar uns com os outros em todo o tempo da meza; a qual acabada, se fará a afaõ de grasas da mesma forma que fizeraõ á entrada do Refeitório, saindo todos por sua ordem em seguimento do Reitor. E immediatamente depois de jantar averá repouzo por espaço de um quarto de óra, para entãõ conversarem uns com os outros em lugar para isto deputado, até que se faza final para se recolherem.

§. 19. Que nas tardes dos Domingos, e dias Santos de guarda, e em alguns dias feriados, que ao Reitor parecer conveniente, averá merenda para todos os Collegiaes, os quaes comêrãõ juntos na mesma meza como irmaõs, sem aver separaçaõ uns dos outros; e naõ lhes será permitido levar coiza
al-

alguma da meza; para assim se evitar a golodice, e a ocazião de nutrir paixões.

§. 20. Que ás nove óras da noite se fará final para a cêa, que sempre constará de dois pratos, excéto nos dias de consoada em observancia do jejum, em cujo tempo averá tambem lisaõ espiritual, e se observará tudo o mais, que assim fica disposto a este respeito nos Estatutos 17. e 18. E immediatamente depois de cêa averá meia óra de repouzo da mesma forma, que fica dito no Estatuto 18. Findo o dito tempo, se tocará a silencio, e se recolheráõ todos aos seus cubiculos para se deitarem; e sem licença nenhum poderá dormir com lus.

C A P I T U L O VI.

Do cuidado, que deve aver dos Enfermos.

NA assistencia, e cuidado dos Enfermos é onde mais se deve esmerar a Caridade; bem entendido que se agrada mais a Deus neste serviço, do que em qualquer outro; pois que o mesmo Redentor reputa como feito a si proprio tudo aquilo, que se fás aos Enfermos: por isto determinamos

§. 21. Que tanto que souberem que algum dos Collegiaes está enfermo, avizaráõ logo ao Reitor, o qual sem perda de tempo mandará xamar o Medico; e julgando que poderá ser molestia grave, dará parte aos Páis, ou Tutores do Enfermo,
para

para o mandar conduzir para sua caza, podendo ser, aliás será curado no Collegio; e nomeará um, ou dois Collegiaes, que parecerem mais caritativos, para Enfermeiros do doente, os quaes ficarão encarregados de assistir ao Enfermo com frequencia; e de fazer que a caza, e cama do doente estejam limpas, e afeadas; que a comida seja feita a seu tempo, e com muita limpeza; e se na cozinha ouver algum descuido, o fazaõ saber ao Reitor para dár a devída providencia. O mesmo Reitor, ou Vice-Reitor deverá assistir ao Medico, quando vizitar ao Enfermo, e fazer tomar por escrito todas as suas determinasões, encarregando ao Enfermeiro a inteira satisfasão delas; e dará todas as providencias, para que nada falte ao Enfermo, asim do sustento proprio dos doentes, como dos remedios, que lhe forem receitados.

§. 22. Que os remedios da botica, e outras despesas extraordinarias, que se fizerem com os Enfermos Porcionistas, serão pagas, e satisfeitas por conta dos mesmos Porcionistas; para que asim não fiquem prejudicadas as rendas do Collegio, gastando-as com os que delas não necessitaõ.

§. 23. Que sendo grave, e de perigo a enfermidade, que necesite o Enfermo de receber os Sacramentos do Viatico, e Extrema Unsaõ, lhos administrará o Reitor, ou outro Sacerdote, que ele determinar, não sendo fora de óras; porque entaõ irá da nosa Sé: e por este noso Estatuto, concedemos licença perpetua aos Reitores do noso Collegio, para poderem administrar aos seus Suditos os ditos

Sa-

Sacramentos , ficando salvo o direito do Paroco nesta materia em virtude desta nosa faculdade. E para se fazer com a devida solenidade a administração dos sobreditos Sacramentos , se fará final com a campá , para que concorra toda a Comunidade a acompanhar com vélas acesas. E xegando o Enfermo a termos de agonia , se fará outro final diverso , para que todos concorram a encomendar a sua alma com as preces , e ladainha para isto destinadas pela Igreja.

§. 24. Que acontecendo falecer dentro do Collegio algum Collegial , ou outra pessoa domestica do mesmo Collegio , o Reitor com a sua Comunidade , sem intervenção do Paroco do lugar , dê sepultura ao corpo do seu Sudito no cemiterio da Igreja do Collegio , e lhe faça os officios de sepultura , e mais suffragios , sem levar por eles distribuição alguma ; e poderá sómente levar a esmola da Missa , ou Missas , que o Pai , ou Tutor do mesmo defunto lhe mandarem dizer. E para o Reitor assim o poder fazer licitamente , por este noso Estatuto igualmente lhe damos plena faculdade , e licença perpetua , ficando ao Paroco do domicilio do defunto salvo o direito , que tiver , para lhe fazer o Officio Paroquial na fórma das Constituições do Bispado. Porém se algum dos que falecerem no Collegio tiver pedido , ou deixar disposto , que se enterre o seu corpo em outra Igreja , com tanto que seja dentro do distrito da freguezia do Collegio ; ordenamos , que logo depois de ter falecido , se mande avizo ao Paroco , a que pertencer , para que faça

o enterro conforme faria com outro qualquer Fregues, vindo receber, e encomendar o cadaver á Portaria, ou Igreja do Collegio, para o levar a enterrar á Igreja, que tiver escolhido.

C A P I T U L O VII.

Do Officio do Reitor.

O Reitor, que deve ser escolhido com muita circunspensão, e ter todas as condições, que se requerem, para a boa educação, e governo da Mocidade, tem a seu cargo vigiar continuamente sobre a observancia destes Estatutos, para que eles se não relaxem, antes porá todos os seus esforços para os promover mais; e por isto deve fazer que todas as obrigações, assim dentro como fóra de Caza se executem com perfeição.

A respeito da obrigação de fóra de Caza, deve ser fuma a vigilancia do Reitor em duas coizas, primeira em fazer cobrar os rendimentos do Collegio, e pôr todo o cuidado em que se não perca alguma das suas rendas, ou dividas, por falta de diligencia; segunda em vigiar sobre os Collegiaes, assim dentro de Caza, como fóra dela, nas saídas que fizerem a passeios, admoestando-os que mostrem a gravidade, e compostura, que é propria da Caza em que vivem, e da béca que vestem, portando-se em todos os lugares, onde se axarem, com tal modestia, e seriedade, que tenham muito que aprender

der os outros ómens , que não se empregão em cultivar o juizo com a lilaõ das ciencias.

Pelo que respeita ás obrigações de portas a dentro , deve ter especial cuidado em ensinar aos seus Suditos desde a tenra idade , a pensar bem , fazendo-os ver as coizas pelo esencional delas ; tirando-lhes as preocupações , que lhes podem ser cauza de erros ; e ensinando-os a conhecer , e praticar os tres officios proprios do ómem , isto é , para com Deus seu Creador , para com siigo mesmos , e para com os outros ómens , de cujos officios procede a boa harmonia da Sociedade , da qual saõ mutuamente dependentes todos os membros dela.

Os meios para se conseguir este fim de cada um satisfazer bem as suas obrigações , saõ o louvor , e o premio , a repreenfaõ , e o castigo : o que tudo deve administrar o Reitor com muita prudencia , depondo todo o espirito de parcialidade , e temendo a omisaõ a respeito das transgressões leves , que saõ as que insensivelmente estragaõ a Mocidade , e fazem com que os Suditos , alentados com os descuidos do Superior , venhaõ depresa a cair nas graves ; procurará sempre com fuma prudencia ser mais amado , do que temido , pois deve atender que governa Sujeitos de facil comprehenfaõ , obediencia , e docilidade ; e por isto dispostos para se moverem mais pelos impulsos do amor , do que do temor. Igualmente terá grande vigilancia em fazer que nada falte do necessario para a susistencia dos seus Suditos , trazendo-os sempre contentes , e satisfeitos para assim melhor lhes

ga-

ganhar as vontades , e lhe obedecerem com gosto ; e quando acontecer , que ája algum incorrigivel , Nos dará conta por escrito das suas transgressões para lhe dármos o remedio , que fôr conveniente.

Além dos sobreditos encargos , terá o Reitor o governo , assim temporal , como espirital de todo o Collegio , fazendo as nosas vezes dentro dele : para o que por este noso Estatuto o constituimos primeiro Superior , e proprio Paroco do noso Collegio , sem subordinação alguma ao Paroco do destrito , ainda mesmo quanto á dezobriga quaresmal de si , e de todos os seus Suditos , que viverem , e abitarem dentro do Collegio , ficando sómente sujeitos a Nós , e ao noso Provizor , ao qual o Reitor remeterá o ról das dezobrigas quaresmaes com certidão de que ficam dezobrigados dos preceitos da Confissão , e Comunhão na fôrma que costumão , e são obrigados os outros Parocos , sem que lhes possa pedir a conhecença costumada pela dezobriga , nem o Reitor , nem o Paroco do destrito , nem dos domicilios dos que morarem no Collegio , para os quaes resalvamos tão sómente os direitos , que ficam declarados nos Estatutos 24. e 32.

E porque o Reitor tem sobre si todo o governo do Collegio , terá sumo cuidado em vigiar sobre o procedimento , e estudos dos Collegiaes , vizitando algumas vezes na semana os cubiculos de cada um deles , nos tempos do silencio , e em óra incerta. E só concederá licenças aos Collegiaes para vizitarem a seus Páis uma vez em cada mês , sendo

do na Cidade ; e deve uzar de toda a circunspécção em conceder taes licenças , pelo perigo de distraimento , que nas faidas de Caza se adquire com facilidade ; e quando julgue necessaria a faida de algum Collegial em dia feriado , lhe asinará compa-
nheiro de conhecida probidade ; mas nunca lhes concederá estas licenças em dia letivo , nem a ir jantar , ou pernoitar fóra de Caza ; nem para irem fóra da Cidade sem nosa especial licença , da qual não poderão uzar sem que primeiro a apresentem ao Reitor , para a aprovar , ou contradizer , tendo razão para assim o fazer , representando-nos aquilo , que talvez nos occultou o Collegial.

Finalmente terá o Reitor no seu cubiculo o Arquivo do Collegio em armario fechado , onde estejam depositados , e bem acondicionados todos os livros pertencentes ao governo interior do Collegio , assim os das matriculas , e entradas dos Collegiaes , como os das receitas , e despezas , escrituras , legados , doações , e mais papeis pertencentes ao Collegio , não só os que estiverem servindo , mas tambem os que já estiverem findos ; tudo por sua ordem , para deles dar conta anualmente , como adiante irá declarado em seu lugar.

C A P I T U L O VIII.

Do Officio do Vice-Reitor.

O Vice-Reitor deve ser um Sacerdote separado do Corpo Literario , e que seja capas de governar o Collegio nas faltas do Reitor. Ele é propriamente o Coadjutor, Ajudante , e Sustituto do Reitor, em cuja auzencia , ou impedimento toma sobre si todo o governo ; e por isto deve ter muita prudencia , e atividade , e ser aprovado para Confesor. Ao seu officio pertence, quanto ao interior do Collegio, zelar a observancia destes Estatutos , por ser o Fiscal do Collegio: cuidar em que ande o relógio em seu curso ordinario , e que as campainhas se toquem a ponto para as aulas, e átos de Comunidade : mandar que as alfaías do Côro, Igreja , e Sacristia sejam tratadas com aceio , fazendo varrer os dormitórios, aulas, e mais cazas publicas : vigiar sobre as oficinas, e seus officiaes, para que nada falte ás suas óras : prover a dispensa, cuja xave estará sempre em seu poder ; e ter toda a inspeção sobre os criados do Collegio, especialmente sobre o comprador, ao qual todos os dias deve tomar contas dos dinheiros, que lhe entregou para os provimentos, para as dar por escrito ao Reitor todos os Sabados, em os quaes devem elas ser lançadas no livro das despezas.

Quanto ao exterior do Collegio , pertence ao Vice-Reitor , pôr todo o cuidado em cobrar, e
arre-

arrecadar todos os rendimentos do Collegio ; e se este ouver de ter fundos , juros , ou cazas , que se ájaõ de arrendar , Nos proporá uma pessoa fidedigna , que com procuração bastante do Reitor , seja o Procurador das rendas do Collegio , com obrigação de lhe dar contas todos os mezes do que tiver cobrado , para ser lançado no livro da receita , o qual todos os anos se áde apresentar na Junta , que estabelecermos , para tomar anualmente as contas da receita , e despesa do Collegio.

C A P I T U L O IX.

Do Officio do Sacristaõ.

O Sugeito , que fôr escolhido para Sacristaõ , deve ser pessoa fidedigna , e que preste fiador abonado , que se obrigue aos descaminhos , que tiver a prata , e mais alfaias da Igreja , e Sacristia ; cujos moveis lhe seraõ entregues por inventario , ficando o livro deste em poder do Reitor , que o não admitirá sem a sobre dita fiança. Ao seu officio pertence abrir todos os dias as portas da Igreja , acender as alampadas , espanar os altares , varrer a Igreja , Sacristia , e Cõro , e tocar os sinos para as Missas , Festividades , e mais óras costumadas entre dia , e noite. E porque não é tanto o trabalho da Sacristia , que nele se ocupe o dia inteiro , será obrigado o Sacristaõ a servir á Meza no Refeitorio ao jantar , e á ceia , e servirá tambem o officio de Bedel , como se dirá na 3.^a Parte destes Estatutos Cap. 25.

CA-

C A P I T U L O X.

Do Porteiro.

PAra guardar a porta de um Collegio de Sujeitos de pouca idade, deve ser eleito um ómem de conhecida probidade, que não tenha outra alguma occupação, mais do que estar vigilante de guarda na portaria do Collegio, para ver o que por ela entra, e sae, entre dia, e noite. Ele será encarregado de receber, e despedir com politica os Sujeitos, que procurarem as pessoas do Collegio: e sendo procurado na portaria algum Collegial, ou vindo-se-lhe trazer alguma carta, papel, ou outra qualquer coiza, que lhe seja mandada; não fará avizo ao Collegial sem primeiro dar parte ao Reitor, ou Vice-Reitor, e dele saber se quer ou não, que o Collegial vá receber a vizita, carta, papel, ou outra coiza, que lhe fôr mandada; e concedida a licença, o poderá xamar, ou fazer-lhe avizo, e isto se entende nas óras feriadas, e não nas de silencio. Não consentirá, que entrem no Collegio pessoas desconhecidas, e que não tem dentro occupação alguma, e muito principalmente mulheres: despedirá com boas palavras os pobres, que forem á portaria, não avendo que lhes dêr, ou com a esmola, que o Reitor mandar que se lhes dê; e não consinta, que eles passem da porta para dentro: abrirá a portaria logo depois da primeira Missa, e a fexará a óras de jantar; abrirá ás duas da tarde, e fexará ao
fol

fol posto ; cujas xaves entregará ao Reitor ás nove da noite , e lhe dará conta de tudo o que entre dia , e noite tiver acontecido na sua officina para ele lhe dar as providencias , que forem necessarias.

C A P I T U L O X I .

Dos officios interiores.

Do Barbeiro , e Refeitoreiro.

PEde a economia do governo , que o Collegio tenha Barbeiro de caza , que seja tambem comensal , e morador no mesmo Collegio : o qual além da obrigação de fazer as barbas , e cortar o cabelo aos de caza uma , ou duas vezes na semana , conforme exigir a necessidade ; terá tambem a seu cuidado o servir de Refeitoreiro , trazendo sempre limpo , e aceado o Refeitorio , provendo-o de tudo o que fôr necessario ; servir á meza ; acender o candieiro do Refeitorio , quando fôr a óras de cêa , e os dos dormitorios , provendo-os primeiramente do azeite , e torcidas competentes ; e conduzir da portaria para entregar a cada um dos Collegiaes pelo seu ról a roupa lavada , que trouxer a lavadeira ; e da mesma fórma entregar a esta a roupa , que fôr a lavar.

Do Cozinheiro.

Para Cozinheiro deve ser escolhido um Sugeito ,
que

que tenha boa intelligencia no officio de Cozinha ; que seja fiel , e aceado no seu ministerio , repartindo as porções com igualdade , e tratando tudo com a limpeza , que requer o comestivel , sem faltar com coiza alguma ás horas competentes para não se inverter o regulamento da Comunidade.

Do Ajudante da Cozinha.

Averá um Ajudante da Cozinha , que será um criado abil para ajudar o Cozinheiro no serviso da Cozinha , acarretando de manhã agua para ela , e para as tálhas da Comunidade , e Refeitorio ; e de tarde em lavar a loisa , cobre , e mais pertensas da meza , e Cozinha , e ir buscar á Dispensa o necessario para ela.

Do Cerqueiro.

A Cêrca igualmente necessita de um criado , que tenha intelligencia de Ortelaõ , para semear , e plantar a seus tempos a ortalisa , que fôr necessaria ; e servirá tambem de conduzir a lenha , que fôr preciza para a Cozinha , sendo obrigado todas as noites a entregar ao Reitor as xaves das portas da Cerca , tanto da interior , como da exterior.

Do Comprador.

Além dos sobreditos averá um Comprador , para cujo officio se escolherá um ómem fiel , e de sã

D

con-

conciencia , o qual irá comprar todos os dias a óras competentes a carne , peixe , e mais coizas necessarias para a Comunidade , segundo as ordens , que lhe der o Vice Reitor , ao qual todos os dias dará conta do dinheiro , que lhe fôr entregue , e do emprego , que fes.

C A P I T U L O XII.

Do Cofre , que deve ter o Collegio.

PAra perfeito regulamento das rendas do Collegio , e mais seguro metodo da sua conservação , averá no cubiculo do Reitor um Cofre feito com toda a segurança , o qual se conservará sempre fexado com tres xaves diferentes , uma das quaes estará em poder do Reitor do mesmo Collegio ; a segunda terá o Vigario Geral do Bispado , e a terceira o Deaõ da Catedral , não sendo este o Vigario Geral ; porque no cazo de exercitar este emprego , o terceiro claviculario ferá o que ocupar a Cadeira da Dignidade immediata ao Deaõ , e estando esta vaga , o que ocupar a segunda Cadeira immediata , e assim decendo pelas outras , até o Conego mais antigo depois das Dignidades , se todas elas acontecer estarem vagas , ou impedidos os que as posuïrem.

Nenhum dos sobreditos Clavicuarios poderá fiar a xave , de que está encarregado a outra pessoa , senão no cazo de auzencia , ou enfermidade ; e entaõ a poderá entregar o Reitor ao Vice-Reitor ; o Deaõ ao seu immediato Colega da Catedral ; e o Vigario Geral

Geral ao que fizer as suas vezes ; e isto taõ sómente nas ocaziões de precisa necessidade de se abrir o Cofre , intimada pelo Reitor.

Neste Cofre se guardarão , naõ só os dinheiros do Collegio , mas tambem o livro do Tombo , que será numerado , e rubricado pelo noso Provizor , em o qual estará inferto o Alvará Original da Real Doação , que deste Collegio , e Igreja fes Sua Magestade á Mitra de Parnambuco , como tambem as Cartas , Alvarás , e Decretos de todas as rendas , Mercês , e Doações , que a mesma Senhora foi servida fazer ao mesmo Seminario , e por todo o livro estarão descritas , e lançadas judicialmente todas as rendas , fundos , propriedades , doações , e legados , applicados para a sustentação deste Collegio , cujo termo de enferramento será asinado do noso punho , e selado com o Selo maior das nosas Armas. Este livro naõ poderá jámais ser tirado do dito Cofre sem nosa especial licença por escrito , a qual ficará conservada no mesmo Cofre por todo o tempo , que existir fóra dele o dito livro. O segundo livro , que tambem será numerado , e rubricado pelo noso Provizor ; e que deve ser conservado sempre no Cofre mencionado , é aquele em que se devem ir lançando as parcelas dos dinheiros , que entrarem no Cofre , e as que se forem tirando dele , cujos termos assim da entrada , como da saída dos dinheiros , serão asinados por todos os tres Clavicularios , sem cujas asinaturas , naõ se lhes poderáõ confirmar as contas na Junta , que para elas se deve estabelecer. E sendo findo o dito livro , irá para o Arquivo do

Colegio , pondo-se em seu lugar outro novo para servir , e se guardar no Cofre da mesma forte que o primeiro.

C A P I T U L O XIII.

Do modo de se tomarem annualmente as contas da receita , e despesa do Colegio.

E Stabelecida a necessaria economia do governo interior do Colegio , se fas tambem preciso instituir ao mesmo tempo um seguro metodo de provizional rejimen , por onde todos os anos , sendo necessario , se ajaõ de dar prontas providencias , segundo exijirem os cazos ocurrentes , corrigindo , e emendando as coizas , que possaõ ser prejudiciaes ás rendas do Colegio , que precisaõ de continua vigilancia.

Para occurrermos aos danos, que com a mudança, e variaçaõ dos tempos podem acontecer, creamos, e instituimos uma Junta de Ministros , que em o mesmo Colegio congregados em conclave na caza para este fim determinada , rezolvaõ as coizas , que de novo axarem se devaõ determinar a bem do Colegio.

Esta Junta , que terá o sobrenome da Economia , será composta de seis Deputados , e um Presidente , cuja presidencia rezervamos para Nós ; porque muitas vezes Nos axaremos presentes a este utilissimo Conselho , pelo grande dezejo , que temos de promover, quanto em Nós fôr, o adiantamento do noso Seminario.

Mas

Mas porque as nossas continuas occupações, nem sempre Nos darão lugar de assistirmos ás suas Conferencias, como dezejamos; ficará servindo na nossa ausencia o lugar de Presidente o nosso Vigario Geral, o qual ainda mesmo nas occasiões, em que prezidirmos, se axará presente ás Sessões desta Junta, e terá nela voto como um dos outros Deputados, que por tal o elejemos, bem como aos outros, por esta nossa Constituição do presente Estatuto.

Os quatro primeiros Deputados, depois do Vigario Geral serão eleitos na fórma determinada pelo Concilio de Trento: convém a saber, dois do Cabido da nossa Catedral, e os outros dois da Corporação do nosso Clero, eleitos distributivamente por Nós, e pelo mesmo Cabido. Para o primeiro do Cabido, que pertence á nossa eleição, nomeamos a Dignidade, ou Conego, que fôr Claviculario do Cofre do Collegio, como acima fica disposto, quando dele falámos; e para Deputado da Corporação do Clero, nomearemos a seu tempo aquelle, que julgarmos mais sufficiente.

Os outros dois na fórma do mesmo Concilio, pertencem á eleição do nosso Cabido, ao qual recomendamos eleja da sua Corporação o Conego, que julgar ser mais douto, prudente, despedido de paixão, e dotado de sã conselho; e que o mesmo obre na eleição do Deputado do Clero, o qual deverá ser constituido em algum emprego publico, ou Beneficio do nosso Bispado.

Para os dois ultimos, que aõ-de preenxer o Conselho da Junta da Economia, nomeâmos o Reitor do
mes-

mesmo Collegio, que nas Sesões servirá de Juis Relator, propondo as materias de que se deve tratar, expondo-as como o mais inteligente das necessidades da Caza, e dará o seu voto por ultimo, e immediatamente antes do Presidente; e nomeâmos o noso Promotor para Fiscal dos negocios da dita Junta, e requerer tudo o que fôr a bem do mesmo Collegio, e obstar a tudo o que lhe fôr prejudicial; e para outro Deputado nomeâmos o Vice-Reitor do Collegio, o qual além de ter voto no Conselho da Junta, servirá de Secretario da mesma, escrevendo em livros para isto sómente deputados, as rezoluções, que nas Sesões se determinarem pela pluralidade de votos, principiadas por termo de asentada; cujas rezoluções feraõ asinadas por todos os Deputados, que se axárem presentes, e por Nós confirmadas para a sua inteira validade, e devida execusão.

Para as Sesões ordinarias deste novo Conselho determinamos, que a Junta se congregue quatro vezes em cada ano létivo: a I. no segundo dia feriado depois da abertura dos Estudos, em o mês de Fevereiro; a II. no segundo dia feriado depois da Pascoa; a III. no primeiro dia feriado depois do nascimento de S. João Baptista; a IV no primeiro dia feriado depois da Natividade de Nosa Senhora.

Além das sobreditas avêráõ tambem Conferencias extraordinarias, que se faráõ todas as vezes, que assim o pedir a necessidade das materias occorrentes a instancia do Reitor, sobre o qual carrega todo o pezo da continua vijilancia em conservar no seu primitivo vigor a observancia da economía, cujas mate-

materias fórmaõ o principal objeto da Junta da Economia ; á cujos Deputados por este noso Estatuto concedemos , e damos plena autoridade para as tratar , e rezolver na melhor fórma, que parecer justo , para bem , e aumento do Collegio , sem atenderem jámais a respeitoz humanos, e muito menos a precedencias de asentos ; por ser impropria de Sujeitos ilustrados a fantástica ambisião de vans distinsões em congresos particulares.

E em todas estas conferencias o Bedel do Collegio servirá de Porteiro , e de Continuo , esperando as ordens da parte de fóra para fazer os avizos , e xamar as pezoas , que o Prezidente da Junta determinar , para o que se fará final com uma campainha, que deve estar sempre sobre a Meza , assim como tambem os tinteiros , penas , papel &c.

Além das Conferencias sobreditas averá mais uma , para a qual se congregaráõ todos os Deputados , e o Fiscal no cubiculo do Reitor em o mês de Dezembro para se tomarem as contas da receita , e despeza , que naquele ano tiver feito o Collegio. Nesta conferencia , que será unicamente rezerváda para iso no tempo das ferias maiores , apresentará o Reitor na Meza da Junta quatro livros , a saber o da Receita , que deve entãõ ser conferido com o livro da faida dos dinheiros do Cofre , de que falámos no capitulo antecedente : o da despeza , que se tiver feito em todo ese ano : o dos ordenados , e salarios das pezoas , que saõ pagas pelas rendas do Collegio : e o livro em que judicialmente se aõde lanfar as contas de toda a receita , e despeza , o qual

qual será primeiramente numerado, e rubricado pelo nosso Provizor; e o Escrivão da nossa Camara será o que nele escreva, e lanse as contas, que se tomarem, com distinta separação, e clareza da receita, e despesa, e do que faltar, ou sobrar, principiando pelo termo da asentada, e rematando pelo da conclução; o que tudo, depois de ser subscrito pelo dito Escrivão, será asinado primeiramente pelo Vigario Geral, ao qual nomeamos, e constituimos Juiz das ditas contas com poderes de as julgar, aprovar, ou reprovar como fôr de justiça; depois pelos quatro primeiros Deputados, e Fiscal, e ultimamente pelo Reitor, e Vice-Reitor, sendo as contas julgadas por boas.

PARTE SEGUNDA.

Que contém o que pertence á observancia
Moral.

INUTEIS feriaõ os Estatutos, que dirijem os estudos de um Seminario de educaçaõ da Mocidade, se eles ao mesmo tempo não prescrevessem a norma de regular os costumes na prática da virtude; pois é bem certo, que sem virtude não á verdadeira Sabedoria, a qual não consiste tanto na teorica das ciencias, como na pratica delas; e esta só se consegue, quando as regras da especulasaõ se applicaõ para formar em o ómém costumes verdadeiramente cristãos.

O santo temor de Deus, que sabemos é o principio da Sabedoria, é a primeira lisaõ, que dezejamos aprendaõ os Educandos do noso Collegio: ele é o que disipa todas as nevoas, que escurecem o entendimento; ele é o que refreia todas as paixões, que desordenaõ a vontade; ele emfim é o que poem o espirito humano em estado de poder subir até á Prezença da Sabedoria Eterna, cujas luzes se comunicaõ liberalmente aos que as procuraõ com o corasaõ puro, e sincero. Por este meio alcançaraõ a solida Sabedoria muitos varões Santos, que com as luzes da sua doutrina estaõ aluminando a Igreja de Jezus Cristo por todo o mundo.

Este santo temor, que deve ser o primeiro objeto dos Estudantes Cristãos, para melhor se con-

E

fe-

seguir necessita do previo conhecimento das principais obrigações, que a todo o ómem naturalmente correspondem; e vem a fer a respeito de Deus, de si mesmo, e dos outros ómens, no que se contém os principios da Moral, dos quaes pasamos a dar um breve rezumo nesta segunda parte.

C A P I T U L O I.

Da obrigação do ómem a respeito de Deus.

O NEGOCIO mais importante, que os ómens tem sobre a terra, é a salvação; e esta não se consegue sem o conhecimento de Deus, e de Jezus Cristo, no qual devêmos crêr., esperar, e amar; e dar-lhe o Culto, que lhe é devido. E para que os nosos Educandos aprendaõ a doutrina necessaria a este respeito, Nós daremos a providencia em o Catecismo, que por eles faremos distribuir a seu tempo, e por óra Nos contentamos de lhes fazer as seguintes advertencias, as quaes como verdades fundamentais da Religiaõ, devem sempre trazer na memoria.

Que Deus é o seu primeiro principio, e ultimo fim: convém a saber, que lhes deo o ser, a vida, e a razaõ, e que os conserva a todo o instante; que os vê, e conhece todos os seus pensamentos, palavras, e ações; que os ama desde a eternidade; que os enxe de bens, e que lhes ade dar outros infinitamente maiores, para os fazer eternamente felices. Depois de terem percebido esta gran-

grande idéa de Deus , é facil de se persuadirem , que não á gloria verdadeira , nem felicidade completa , como a de servir ao seu Creador , amando-o em tudo ; e pelo contrario , que fora de Deus não se encontraõ senão desgrasas, inquietasões, e misérias.

A segunda idéa , que deve ocupar a intelligencia do ómem , é a do infavel misterio da Encarnação do Filho de Deus. Este é aquelle grande designio da Divina Sabedoria na economia da Religião , e da Graça , com que ficaraõ satisfeitas a Justiça , e a Misericordia : advirtindo que sem intervir este Redentor , nada podemos fazer que seja agradável a Deus , nem receber da sua mão coiza alguma senão por virtude dos seus merecimentos.

Conhecida a summa dependencia , que o ómem tem de Deus , fica por conseguinte conhecida a obrigação do Culto , que lhe é devido ; e persuadido o ómem desta verdade , não pode deixar de tomar a sabia rezolução de empregar entre dia alguns espaços de tempo em cumprir com a sua principal obrigação de dar Culto de adoração , e de agradecimento a um Senhor , ao qual deve tudo quanto é , e quanto possuiue ; e por isto mandamos

§. 1. Que de manhã meia óra depois de feito o final da campa , iráõ todos os Collegiaes para o Côro da Igreja , onde postos de joelhos , e feito o final do Crisção , adoraráõ a Deus em espirito , e verdade , como ensinou o mesmo Jezus Christo ; isto é , que a umilde atençaõ interior do espirito , corresponda verdadeiramente á adoração exterior do cor-

po, e logo lhe renderão as devidas graças pelos beneficios recebidos, implorando juntamente o divino socorro, cantando devotamente o Ino *Veni Sancte Spiritus* para que os deixe passar aquele dia izentos de culpa grave, que é só a que os sepára da sua amizade; no que se poderá gastar um quarto de óra, pouco mais, ou menos. E nos Domingos, e dias santos de guarda, além do sobredito, e antes do Ino dirão de coração os Atos de Fé, Esperança, e Caridade, que vão descritos no fim desta segunda parte destes Estatutos.

§. 2. Que acabado de se cantar o sobredito Ino, fará o Padre Vice-Reitor para o Altar a dizer Misa, á qual ajudará um dos Collegiaes em cada semana por seu turno, e todos os outros a ouvirão do Còro.

Quando assistirem ao tremendo Sacrificio dos nosos Altares, em que o Sacerdote vai fazer uma renovação dos ultimos, e principaes mysterios da vida de Jezus Cristo, quando nos remio na Crus, depois de se ter consagrado a si mesmo, para ficar com o ómem até á consumação dos Seculos; então deve cada um avivar mais a sua Fé, o seu amor, e a sua devoção.

§. 3. Que nos Domingos, e dias Santos de guarda irão todos os Collegiaes á óra de Terça á Misa conventual da Igreja Catedral, onde os que se destinão para o Estado Eccleziastico assistirão á Estante do Còro, para ajudar a cantar a Misa, e praticar o que tiverem aprendido na aula do Canto-xão, ficando dois tão sómente no Collegio para ajudarem a
Misa

Misa conventual do Reitor , que nos ditos dias a dirá ás nove óras.

§. 4. Que nos dias em que celebrarmos Misa Pontifical na nosa Sé , iráõ asistir a ela todos os que forem Clerigos , vestidos de sobrepelizes para ajudarem aos do Côro , e servirem em tudo o que lhes fôr mandado pelo Mestre das Cerêmonias da Cathedral nos ministerios competentes aos grãos das Ordens , que tiverem , e para que ao mesmo tempo se vaõ exercitando na pratica das Ceremonias proprias para o estado , que pertendem.

§. 5 Que todas as noites , logo depois das Ave Marias , rezaráõ no Côro da Igreja , ou na Capela interior do Collegio o Terço do Rozario de Nosa Senhora , á qual todo o Cristaõ deve tributar o devido Culto , e implorar o seu grande patrocínio , e muito especialmente os que se dedicaõ ao estudo das ciencias ; por esta purissima Virgem ser Maen da Eterna Sabedoria , e a que consegue de seu amado Filho as luzes de que necessitaõ os seus devotos : e podem estar na certeza de que , se á pia devosaõ desta Senhora ajuntarem a pureza do corpo , e do espirito , aõ de conseguir naõ sómente a Sabedoria , que dezejaõ ; mas tambem a salvaçaõ , que esperaõ.

§. 6. Que uma ves em cada mês , e nas Solenes Festividades , que determinarmos , devem todos confessar-se , e comungar sacramentalmente. E para que isto se fasa com maior expedisaõ , e naõ aja alguma falta , ou embaraço , se fará uma justa distribuicaõ pelos Domingos do mês , de forte que vaõ uns em um Domingo , outros em outros á Cathedral para a í
se

se confesarem, e voltarem a tempo de comungar da mão do Reitor na Missa conventual da Igreja do Collegio: e declaramos que esta obrigação comprehende não só aos Collegiaes; mas também a todos os Estudantes, que estudarem nas aulas do Collegio, os quaes para mostrarem, que satisfazem a esta obrigação devem também comungar da mão do mesmo Reitor, sob pena de se lhes dar em culpa fazendo o contrario do que aqui se lhes determina; e os Profesores lhes devem intimar esta obrigação para não afétarem ignorancia.

Aqui também recomendamos se disponhaõ de forte para estes dois Sacramentos, que deles tirem o copiozo fruto, que eles certamente communicaõ aos que dignamente os recebem: para este fim é indispensavel a preparação antecedente, acompanhada daquelas serias reflexões, que dispoem a vontade para receber com proveito taõ importantes remedios, que Jezus Cristo deixou na sua Igreja, pondo cada um da sua parte todos os esforços para alcançar aquella pureza, de que é capas o ómem mortal socorrido com as graças, com que o Espirito do Senhor enxe, e enriquece a todos os que são fieis á sua Lei.

C A P I T U L O II.

Da obrigação do ómem a respeito de si mesmo.

SE o ómem desde os seus primeiros anos, não tem o trabalho de cultivar a terra do seu coração, isto é de arrancar as ervas venenozas dos vícios,

cios, más inclinações, e appetites desordenados, e de lanſar a ſemente das virtudes; nunca virá a colher os ſaudaveis frutos das boas obras, pelas quaes unicamente ſe ſas digno da Sociedade dos Juſtos, e da felicidade eterna.

O ómem naturalmente ama a ſi proprio com uma amizade tão eſtreita, que não teve neceſidade de preceito algum poſitivo a eſte reſpeito: ele por uma intrinſeca lei da Natureza é obrigado a procurar todos os meios neceſarios para conſervar a vida animal; fugir do que lhe ſas mal, e ſeguir o que lhe ſas bem: iſto meſmo ſas o bruto por natural inſtinto, e não paſa adiante por não ter outra lei, nem outra vida mais do que a do corpo, como pura maquina material: mas o ómem, que tem outra lei diverſa da do corpo, e eſpera ter outra vida mais duravel, que compete á immortalidade da alma; pelas meſmas leis da Natureza, e lus da razão é obrigado a procurar a conſervaſaõ, cultura, e perfeiſaõ da vida racional, ou moral, com tanto maior cuidado, quanto é mais nobre a vida do eſpirito, do que a do corpo. O entendimento, e a vontade livre ſaõ os principios intrinſecos das aões humanas; ſe o ómem não trabalha em deſterrar os erros do entendimento, e comprimir as deſordens da vontade, tão longe eſtá de ſe amar a ſi meſmo como deve, que antes pelo contrario ſe declara inimigo de ſi proprio.

E' pois neceſario que ſe lembrem de continuo da obrigafaõ, que cada um tem de ſe renunciar a ſi proprio, e ſeguir a Jezus Chriſto, acuſtumando-ſe desde
Me-

Meninos a ter uma vida laborioza ; a fugirem de toda a ociozidade ; a não se desgostarem com as dificuldades , e trabalhos, que encontrarem na serie da sua vida ; a satisfazerem-se com o que lhes é necessario para viverem ; a não vêrem , nem dezêjarem o que pode expôr a sua innocencia a perigo de ser manxada ; a estar sempre prontos , e dispostos para tudo o que pode succeder de um modo contrario ás suas inclinações ; a não se queixarem das injurias , e a perdoa-las com facilidade ; a amar os que os aborrecem , e fazer bem aos que lhes fazem mal ; a sufocar os resentimentos , e reprimir a paixão da vingança ; a fallar sempre verdade , e estima-la como dom proprio de Deus ; a viverem no mundo , e a uzar dele com moderação , e temperança , como se dele não uzassem.

Eis-aqui a rétidaõ do amor proprio , o sustancial , e o fundamento da piedade cristã : aquele que ainda não sabe praticar este amor consigo mesmo , não é Cristão por mais devoto que pareça ; nem poderá jámais conseguir a verdadeira Sabedoria , nem os bens eternos , que devem ser a nosa esperança na outra vida.

C A P I T U L O III.

Da obrigação do ómem a respeito dos outros ómens.

A Terceira obrigação do ómem é a de amar ao proximo : isto é , que o amor , que deve ter aos outros ómens seus irmãos , áde ser igual ao
que

ao que o ómem tem com figo mesmo. A igualdade deste amor reciproco , além de ser intrinseca ao ómem pela lei da Natureza , foi dirétamente imposta por uma lei de Deus pozitiva , publicada solenemente por Moyzés , e intimada por Jezus Cristo com tão vivas expreões , que xegou a dar-lhe o nome de Mandamento novo , e propriamente preceito seu , declarando logo que a medida deste mutuo amor , deve ser igual á do seu Divino Amor para com os ómens.

E com razão foi assim recomendado pela Divina Sabedoria este grande preceito da Caridade , que é o principal fundamento da Sociedade : e assim como sem Sociedade não póde susistir o jenero humano , da mesma forte sem amor reciproco não póde aver Sociedade. A mesma Natureza nos dá um claro exemplo da necessidade desta comum harmonia na uniaõ das partes fizicas do corpo humano , as quaes tendo officios diferentes umas das outras , todas rejidas de um mesmo espirito , mutuamente concorrem , e trabalham para o mesmo fim da saûde , e vida do corpo ; e pelo contrario vemos , que esta se perde todas as vezes que aquellas partes se desordenaõ entre si , e deixaõ de seguir o fim para que foraõ creadas. O mesmo se contém no corpo civil das Sociedades , sejaõ elas quaes forem ; as pessoas , que saõ as partes moraes do corpo civil , posto que tenhaõ officios , e empregos diferentes , todas devem ser animadas de um mesmo espirito de caridade , e concorrerem unidas para o mesmo fim da tranquillidade , aumento , e segurança da Sociedade ; cujo

F

fim

fim necessariamente virá a perder-se todas as vezes que se perder a concordia das partes.

E' certo, que todos os ómens são iguaes entre si nas propriedades essenciaes da Natureza, pois todos decendem de um mesmo Pai, e por esta razão lhes compete a natural obrigação de se amarem uns aos outros como irmãos; mas como nem todos são iguaes nas propriedades accidentaes, e estados adventicios, antes nisto diferem muito uns dos outros, segundo a ordem em que os pôs a Providencia no corpo da Sociedade para a propria conservação dos mesmos ómens; segue-se que destes diversos estados da Sociedade procedem tambem certos grãos de perfeições, que exigem diversos, e maiores direitos que se não devem a todos igualmente; e vem a ser, a reverencia, obsequio, e obediencia, que além do amor comum devido a todos está obrigado a prestar o inferior ao que é de superior estado: como por exemplo, os filhos aos Pais; os Discipulos aos Mestres; os Moços aos Velhos; o Povo aos Magistrados; os Vassallos aos Soberanos &c.

Daqui se deduz por legitima conclusão: Que o bem publico da Comunidade naturalmente deve ser preferido ao bem particular das partes: Que as leis das Sociedades obrigão em consciencia á sua inteira observancia pelo mesmo motivo do bem geral de cada um dos Individuos delas; e que sendo um bom cristão aquele que bem ama a Deus, e ao proximo, vem a ser um bom Cidadão, aquele que é bom Cristão.

E

E porque a este respeito o bem comum da nova Sociedade, que agora instituimos no nosso Collegio necessita de algumas leis, que segurem a sua tranquillidade, e observancia; determinamos os seguintes Estatutos

§. 7. Que o Collegial que com licença sair fóra do Collegio se recolha a ele á ora de jantar, sendo de manhã; e ao pôr do sol, sendo de tarde.

§. 8. Que no tempo do silencio nenhum fale, nem decore as lições em tom de vós, que se oísa fóra dos cubiculos, para não violar o silencio, nem estorvar os outros, que estudão.

§. 9. Que nenhum fale das janelas para a rua, nem vá ao cubiculo de outro, nem á Igreja, Portaria, ou outra officina da Caza sem expressa licença do Reitor; nem saia fóra dos seus cubiculos sem urgente necessidade.

§. 10. Que aquele que vir, ou souber, que algum dos seus Colegas fes injuria a outro por palavras, ou ações; ou lhe tem inimizade, odio, ou rancor, que claramente se perceba; ou comete algum crime contra Deus, ou contra o proximo, deve primeiramente admoesta-lo com boas palavras para que se emende, procurando que estes principios não fazaõ progressos, mas sejaõ logo atalhados; e se depois da correção amigavel vir que continua na mesma culpa, a deve manifestar ao Reitor, para lhe dar o remedio, de que necessita a sua espirital enfermidade.

Atos, que deve praticar o verdadeiro Cristão.

A T O D E F E'.

MEU DEUS, e Senhor; eu creio firmemente tudo o que crê, e ensina a Santa Igreja Catolica, Apostolica Romana; porque sois Vós, O' meu Deus o que disseste; e porque sois a mesma Verdade, que não Vos podeis enganar, nem enganar-nos.

A T O D E E S P E R A N S A.

Espero, meu Deus, da vossa Bondade, e da vossa Misericordia, pelos merecimentos de Jezus Cristo, meu Salvador, a vida eterna da vossa Gloria, e as graças necessarias para a merecer; porque Vós sois fiel nas vossas Promessas, e são infinitas as vossas Misericordias.

A T O D E C A R I D A D E.

Meu Deus, eu vos amo de todo o meu coração sobre todas as coizas; porque Vós sois infinitamente bom: e amo ao meu proximo como a mim mesmo por amor de Vós.

PAR-

PARTE TERCEIRA.

Da observancia Literaria.

A OBSERVANCIA Literaria afentando sobre a Moral é a que repõem o ómem no estado, em que ele enxe perfeitamente toda a idéa de ómem: ela é a que desterra a ignorancia, e introdus as luzes, que são necessarias para descubrir os segredos mais ocultos da Natureza, e para saber adorar os misterios mais profundos da Divindade. Por pouco que se adiantem os conhecimentos umanos nos estudos das ciencias, já os discursos, e costumes não são os que d'antes eraõ, mas sim outros mais iluminados, e mais regulados, e que fazem distinguir o ómem na Sociedade. Para que se adquiraõ estas ventagens, que produzem as ciencias, devem fer regulados os estudos por um verdadeiro metodo, que não implique os entendimentos com materias, e questões inuteis; mas sim adiante os conhecimentos, e enfine a procurar a verdade nas suas fontes: para este fim dispômos aqui as Artes, e Ciências, que se aõ de aprender no noso Collegio, e damos a norma pela qual se aõ de rejer os Profefores, que as ouverem de ensinar, na forma seguinte.

CAPITULO I.

Das primeiras Letras.

LER é conhecer, e pronunciar o sô m, e significando dos caratêres escritos, impresos, ou abertos, com os quaes quis alguem declarar o seu pensamento. Escrever é formar com um instrumento caratêres, que são retratos do pensamento, e da fala.

Do Profesor das primeiras Letras.

§. 1. Porque o ómem nos seus primeiros anos não faz mais do que adquirir idéas, e imitar tudo quanto ouve, e quanto vê; é necessario que o Profesor das primeiras letras seja um ómem não só abil na sua arte; mas tambem um modelo de virtude, e de bondade, quanto cabe nas forças humanas, para formar Dicipulos abeis, e bons Cidadões; e como para se darem regras para a boa educação é necessario principiar pelas idéas mais simples, que nos entraõ pelos olhos, e pelos ouvidos, para depois pafar ás mais sublimes, e abstratas; trataremos primeiro das regras da Arte de Lêr, Escrever, e Contar, e depois da Relijiaõ.

Quanto á Arte de Lêr.

§. 2. Deve o Profesor ensinar aos seus Dicipulos a conhecer as letras, ou caratêres de que se áde
fer-

fervir, fazendo differença das vogaes, e das consoantes, e do sô m de cada uma delas separadas, ou juntas umas com as outras, não lhes consentindo que pronunciem umas em lugar de outras: v. gr. *v* em lugar de *b*, nem *b* em lugar de *v*, como *vento* em lugar de *Bento*, e *Bento* em lugar de *vento*, nem acrescentar letras aonde não á, como v. gr. *aiagua* em lugar de *a agua*, não *aiá* em lugar de *naõ a á*; nem tirar letras onde á, como v. gr. *Janero* em lugar de *Janeiro*; *teado* em lugar de *telhado*; *mio* em lugar de *milho*; nem inverter a ordem das letras, pondo em primeiro lugar as que se devem pôr em segundo, como v. gr. *treato* em lugar de *teatro*; *cravaõ* em lugar de *carvaõ*; *vidrasa* em lugar de *vidraça*; *bresõ* em lugar de *berço*; *provezinho* em lugar de *pobrezinho* &c. Deve ensinar-lhes a pronunciar os ditongos com clareza, e em toda sua forsa: como v. gr. *meu Pai*, e não *me Pai*; *pauzinho*, e não *pazinho*; *naõ*, e não *num* &c.

§. 3. Deve ensinar-lhes a proferir com perfeição os sons das vogaes de cada uma das palavras, como por exemplo a vogal *á* da palavra *bordado*, que é longa, e se deve proferir com a boca mais aberta, do que o *a* da palavra *covado*, que é breve, e que se deve pronunciar com a boca mais fexada: a vogal *e* da palavra *febre*, cujo primeiro *e* é longo, e se pronuncia com a boca mais aberta do que o segundo *e*, o qual com tudo não se deve pronunciar com a boca tão fexada que pareça *i*, como *febrí*, *di Deus*, *di cá*, *di lá*; a vogal *i* da palavra *gentio*, *frio*, que é longo, e se pronuncia como se fosse

fossem dois *ii*, e com a boca mais aberta, do que o *i* da palavra *abrio*, *consentio*, e este mais aberto do que o *i* da palavra *Indio*, *relojio*, que é breve; a vogal *ó* da palavra *olhe*, que se deve pronunciar com a boca mais aberta; como o *ó* das palavras *cólhe*, *mólhe*, e não *olhe* com o *o* fechado, e proprio do *o* das palavras *folha*, *folho*, cujo segundo *o* ainda é mais fechado do que o primeiro, e se pronuncia quazi como *u* *folhu*: a vogal *u* da palavra *escrupulo*, cujo primeiro *u* é longo, e se pronuncia com a boca um pouco menos fexada do que o segundo *u*, que é breve &c. A falta destas, e d'outras semelhantes advertencias; que parecem impertinencias aos que refletem pouco, produs defeitos, que ainda que nas primeiras idades, e nas Escolas são muito faceis de se emendarem, e de se corrigirem; com tudo depois são muito difficultozos, e muitas vezes irremediaveis.

§. 4. Deve tambem explicar o que é, e o para que serve o parentezis, o ponto, a virgula, a interrogasão, a admirasão &c., e os sons, que correspondem a estes sinaes; e para melhor dispôr com anticipasão o som dos pontos de interrogasão, e de admirasão, será bom que os anteponhaõ inversamente ás palavras ás quaes elles ouverem de servir de nota, assim como já uzaõ muitos Escriitores modernos: por exemplo; Quem matou a Pedro? ; Que horror! &c. Deve em fim o Profefor trabalhar por ensinar aos seus Dicipulos a ler, e pronunciar com clareza, e expedisão os pensamentos daquelle, que escreveu.

Quan-

Quanto á Arte de Escrever.

§. 5 O Profefor ensinará aos feus Dicipulos a formar os caratéres formozos , fimplices , e de uma figura jeralmente conhecida , e adótada por todos ; pois que fendo as letras , ou caratéres uns finaes fignificativos do penfamento do que efcreve , é um erro imperdoavel faze-los ainda que formozos , de uma figura particular do gofto de quem a fes , desconhecida , e fora do comum , de forte que não fe pode entender fem um eftudo particular : e por ifo fe dis com razaõ , que a melhor letra não é a que mais bem parece , mas fim a que melhor fe lê : e para mais facilitar o ensino fará fimplificar efes mefmos caratéres reduzindo-os taõ fómente aos dois *c , i* , ou uma afte ; porque depois de faberem formar eftas duas letras com perfeiçaõ , formarão fem difficuldade todas as outras do alfabeto , as quaes não faõ mais do que uma combinaçaõ das fobreditas duas. Deve apresentar-lhes bons modelos da Arte de Escrever , de bons caratéres , e que contenhaõ fentenfas breves para a Moral , ou regras para os conhecimentos umanos.

§. 6. Deve ensinar-lhes a pegar na pena para formarem os caratéres com facilidade , compoftura , e defembaraço : deve ensinar-lhes a efcolher , e aparar as penas , explicando-lhes o modo particular de dar o golpe , de raxar , e de cortar os bicos. Deve ensinar-lhes a ortografia mais fimples , ifto é efcrever como fe fala ; pois que fupofto alguns daõ

G

como

como regra para a orthographia a lingua Latina, principalmente aquellas palavras, que são as mesmas, ou semelhantes às nossas; com tudo como a maior parte dos Portuguezes não estudão a lingua Latina, virião muitos a ficar sem ter uma regra jeral para bem escrever com uniformidade, e perfeição a lingua Portugueza: por cuja cauza com justa razão mandou o Senhor Rei D. Jozé na Lei de 28 de Junho de 1759 para a instrução dos Profefores de Gramatica §. 11., que se uzasse da que compôs Luis Antonio Vernei, que é a mais simples, e a mais conforme ao que acabamos de dizer.

Quanto á Aritmetica.

§. 7. Ensinará o Profefor aos seus Dicipulos a conhecer, e formar os caratêres, e algarismos, ou números, explicando os seus diversos valores nas unidades, centenas &c., e ensinará a somar, diminuir, multiplicar, e repartir, e a regra de tres, que é quanto basta, por serem as principaes, e de maior uzo na pratica, ficando as outras regras de Aritmetica para o Profefor de Geometria, em cujo capitulo trataremos mais amplamente desta materia.

Quanto á Religião.

§. 8. Ensinará a Doutrina Cristã aos seus Dicipulos por algum compendio claro, concizo, e proprio para o uzo das escolas: dará breves nosões de Deus, e dos seus attributos: explicará que a nossa
San-

Santa Religiaõ, em fuma, consiste em amar a Deus, e ao proximo, isto é, as creaturas racionais, que relativamente ás outras creaturas irracionais, e inanimadas, são mais proximas a cada um de nós; aos que em razão do sangue, do nascimento, da patria &c. estão mais proximos de cada um de nós em iguaes circumstancias &c.: que se não pode bem amar a Deus sem amar ao proximo, nem ao proximo sem amar a Deus: que a verdadeira virtude não consiste simplesmente nas exterioridades; por ser isto uma refinada ipocrisia; mas sim em amar a Deus de coraçaõ, e fazer ao proximo todo o bem que podermos: fará que os seus Dicipulos adquirão um abito de falar sempre verdade, e de aborrecer a intriga, e a mentira; e que conheçaõ que o ómem de virtude, e de onra, não desonra, nem desacredita a pessoa alguma; e fará enfim que os seus Dicipulos se persuadaõ da grande verdade de que o bem ainda mesmo temporal, e particular de cada um está ligado, e dependente do bem geral da Sociedade; e que por isto está cada um obrigado a trabalhar com todas as suas foras para o bem, e conservaçaõ do Estado, e a ser bom Cidadão pelo seu mesmo interesse.

E supposto pelos nosos Estatutos temos determinado, que se não aceitem para o noso Seminario Colegiaes alguns, sem que sejaõ examinados, e aprovados de lêr, escrever, e contar, pelo incomodo que cauzariaõ ao Collegio rapazes de tenra idade, que ainda precisaõ de cuidado particular de suas Maens; contudo como todos os nosos dezejõs são

concorrer quanto estiver da nosa parte para o maior bem, e perfeição dos nosos Collegiaes, dos quaes alguns, ainda que saibão escrever, com tudo não fazem com perfeição; mandamos que o Profesor das primeiras letras do noso Collegio (que sempre em iguaes circumstancias deverá ser o de melhor letra possível) em todas as quartas feiras, que não forem dias Santos de guarda, desde as quatro até as cinco óras da tarde dê lições de escrita em uma das aulas do Collegio a todos os Collegiaes, que Nós, ou o Reitor mandarmos, ou que dele tenhaõ permisaõ; e que nos outros dias em sua caza dê lições de lêr, escrever, contar, e de Doutrina Cristã a todos os que quizerem ir com ele aprender.

C A P I T U L O II.

Do Canto.

O Canto, ou a Muzica se divide jeralmente em Armonica, e em Artificial: a Armonica é a que ensina a combinar as vozes, e os sons, e a formar por mil modos as consonancias, e armonias: a Artificial é a que ensina por meio de certas notas, pontos, e figuras a escrever, e pintar todas as consonancias, e armonias, assim como na escrita se pintaõ os pensamentos de quem escreve. Os Antigos dividiaõ a Muzica em Rimica, Métrica, Organica, Poetica, e Ipocritica. A Rimica era a que nas danças regulava os movimentos do corpo. A Métrica, a que dava cadencia ás palavras nos discursos, que se

se recitavaõ. A Organica , a que regulava o som dos instrumentos muzicos. A Poetica a que dava cadencia a um certo numero de filabas medidas. A Ipo-critica a que dava regras para os Pantomimos se fazerem entender pelas asões , e gestos do corpo.

Nós porém deixando todas estas Muzicas Tea-traes , e principalmente a Rimica , e Ipocritica , como indignas da santidade do Culto , e da majestade dos nosos Altares , e por isto justamente reprovada por muitos Santos Padres , e Concilios ; adótamostaõ sómente a Armonica , que movendo á compun-saõ , e santidade , arrebatada a alma a ir louvar com os Anjos ao seu Creador ; e por isto recomendada pelo Concilio de Trento nas instituições dos Seminarios , e por muitos Santos Pontifices , e por toda a Igreja naõ só Occidental , mas tambem Oriental , que elevou os Cantores ás dignidades.

Do Profefor do Canto.

§. 1. O Profefor do Canto ensinará aos seus Dicipulos , naõ só a formar os sons , e a facar as vozes com suavidade , e armonia ; mas tambem a lêr , e escrever estes mesmos sons com as suas notas , pontos , pausas , finaes , e figuras : ensinará a conhecer as diversas claves , e as linhas em que elas devem ser afinadas , os tempos , o compaço , o valor de cada uma das figuras &c. Ensinará tambem a arte de compôr , e de combinar os diversos sons , e armonias proprias para louvar a Deus : e terá muito cuidado em que os seus Dicipulos naõ adqui-raõ

raõ máos abitos no cantar, nem fasaõ trejeitos com o rosto, nem com a boca, nem tenhaõ outros semelhantes defeitos, e afétasões improprias de atos taõ ferios, e taõ sagrados. Naõ consentirá, que cantem com um estrondo afétado; nem com uma vôs como de estoiro, que mais estrujem os ouvidos, do que movem a compunsaõ, piedade, e devosaõ: fará emfim, que eles cantem, mas naõ que gritem, e incomodem aos que vaõ aos Templos adorar a Deus em espirito, e verdade.

§. 2. O Profefor do Canto ferá tambem das Ceremonias praticas da Misa rezada, e de todas as que pertencem á observancia prática do Côro, ficando o ensino especulativo das mesmas Ceremonias para o Profefor de Teologia Moral, e Liturgica, da qual trataremos em seu lugar. E como o dito Profefor do Canto, e das Ceremonias deverá dár em sua caza as suas lições a todos os de fóra do noso Collegio, que se quizerem aplicar a elas; determinamos, que o dito Profefor só nas terças, e festas feiras de tarde seja obrigado a dár as suas lições nas aulas do Seminario aos Estudantes, que Nós, ou o Reitor mandar-mos, ou aos que de Nós tiverem licença; a saber de Canto ás terças feiras desde as quatro até as cinco óras; e de Ceremonias ás festas feiras ás mesmas óras.

C A P I T U L O III.

Da Gramatica.

A Gramatica é a que ensina a falar , e lêr corretamente , e com acerto , e a que dá a regra dos termos , e das frases.

Do Profesor da Gramatica Latina.

§ 1. Para que o ensino da Gramatica se possa fazer com clareza , e sem confusão , é necessário dividir as lições dos Estudantes , como em tres classes : e por isto o Profesor da Gramatica Latina dará aos seus Dicipulos da primeira classe , uma noção da Gramatica Portugueza , para que com mais facilidade vão percebendo os principios da Gramatica Latina , advertindo-lhes tudo aquilo em que a Portugueza tem alguma analogia com a Latina , e principalmente pelo que pertence ás partes da oração : a saber , Nome , Verbo , Adverbios , e particulas com as suas differenças , tudo pelo modo mais breve , facil , e acomodado ás pequenas idades. Depois entrará nas Declinações , Conjugações , Generos , Preteritos , e Sintaxe , por alguma Arte moderna , e recopilada , e quando recordarem a Sintaxe , e todos os seus preliminares , fará que eles traduzaõ alguns periodos mais escolhidos da lingua Portugueza para a Latina rejendo , e fazendo-lhes conhecer a dependencia que umas partes da oração tem das
ou-

outras ; e para que os seus Dicipulos não fassão só uzo da memoria , mas tambem do juizo , e do discurso , mandará que eles dêem a razão das coizas.

§. 2. Aos Dicipulos da segunda classe , que já tiverem sido examinados , e aprovados na Sintaxe , e seus preliminares fará o dito Profefor traduzir Sulpicio Severo , Cezar , e Cicero , e de nenhuma forte os Poetas ; e as lições serão pequenas , e bem rejidas , e os fará estudar a Silaba para poderem conhecer a quantidade de cada uma delas ; e logo immediatamente as figuras da Sintaxe : e terá grande cuidado em lhes fazer advertir as figuras , de que tem mais frequente uzo as linguas Latina , e Portugueza.

§. 3. Aos Dicipulos da terceira classe , que já tiverem dado provas de uma maior intelligencia dos sobreditos Autores Latinos , fará traduzir Salustio , Tito Livio , e Terencio , e o Profefor lhes explicará , e lhes fará advertir nestes Autores a Fabula , a Istoria , a beleza , e o mais que pertencer para a boa intelligencia da Latinidade ; e farão tudo o mais como está determinado no paragrafo asima ; e quando mostrarem ter já adquirido bastante lus da lingua Latina na tradução da proza , passarão para a tradução dos Poetas de melhor nota , mas com muita sobriedade , tão sómente para não ignorarem a verificação Latina , e poderem entender as belezas da arte : e lhes fará ver as differenças entre o estylo poetico , e a proza : as qualidades dos versos , a sua medição , o uzo das figuras poeticas , e tudo quanto pertence á sua forma material.

§. 4. Mas como para compôr em Latim é necessa-

cesario primeiro saber os termos, frases, e propriedades desta lingua, o que só se adquire pela lisaõ dos livros em que ella está depozitada; deverá o Profefor principiar pelos temas mais faceis, passando depois á proporção para os mais dificeis: e os asuntos sempre deveráo ser algumas Istorias breves, ou maximas uteis aos bons costumes: algumas agradaveis pinturas das virtudes, e asões nobres; e outros deste genero em que aja gosto, e proveito: os asuntos se podem tirar de alguns Autores Latinos, mas sem lhes declarar quaes elles são, para depois á vista deles lhes fazer vêr a differença das composições, que elles fizeraõ, e conhecerem sensivelmente o jenio de uma, e outra lingua.

§. 5 Estes temas se daráo alternativamente um dia sim, outro não, para que os Estudantes os componhaõ em caza, e só um dia na semana os faráo na aula, mas todos deveráo ser rejidos, e emendados pelo Profefor; e cada Estudante logo que entrar na composiçaõ dos temas, pedirá ao Reitor um caderno de papel rubricado por elle, ou por pessoa da sua confidencia, dividido como em duas colunas em uma das quaes fará o Estudante o seu tema, e na outra porá o Profefor a sua approvaçaõ, ou correçaõ; e acabado um caderno, pedirá outro feito do mesmo modo para a todo o tempo as corrésões fervirem de regra ao Estudante; e se poder pela simples inspeçaõ dos temas, e corrésões, conhecer o adiantamento de cada um. Todos os ditos cadernos porém, afinados, e acabados que sejaõ, se deveráo entregar ao Reitor, para os ter guardados em

H

lugar

lugar seguro; e não dará segundo caderno sem que o primeiro lhe seja entregue: e todo o ensino da Gramatica Latina se poderá concluir em tres anos.

C A P I T U L O IV.

Da Rétorica.

A Rétorica é a que ensina a falar bem, suppondo já a ciencia das palavras, dos termos, e das frases: ela é a que ordena os pensamentos, a distribuição, e o ornato; e com isto ensina todos os meios, e artificios para persuadir os animos, e atrair as vontades.

Do Professor da Retorica.

§. 1 Instruidos os Estudantes, e aprovados na Latinidade, aõ de pafar a aprender Rétorica; e o Professor lhes dará as suas lições por algum compendio tirado de Quintiliano, e de Cicero: fará analizar as melhores orações de Cicero, para se exercitarem principalmente em fazer composições oratorias, e epistulares: mandará fazer elojios dos ómens grandes, e dará regras sobre o exercicio do Pulpito, por ser este o ministerio a que mais alta, e proveitozamente deve servir quanto á de melhor na eloquencia. Quando o Professor tratar da elocução deverá explicar os diversos estilos das Cartas, dos Dialogos da Istoria, dos Panejiricos, das Declamações &c. Dará afuntos para sobre eles discorrerem os Dicipulos, e argumentarem uns com os outros na aula, advir-

tin-

tindô-lhes sempre que nas contendadas do entendimento , é a cortezia , e a civilidade com o contendor o final caraterístico do ómem cristaõ , e bem educado.

§. 2. Depois de bem exercitados os Estudantes no que pertence á Rétorica ; se lhes ensinarão as regras da Poezia pela Arte Poetica de Oracio , assim como tambem a conhecer , e a aprender a executar as boas imagens , e pensamentos nos melhores Poetas ; acostumando-os tambem a fazer composições em verso , não só Latinos , mas tambem Portuguezes ; fazendo-lhes vêr as belezas dos nosos Poetas , especialmente de Camões , que apesar dos seus defeitos , não deixou de ser um excelente Poeta : mas contudo o Profefor não obrigará os seus Dicipulos a fazer versos , senão áqueles , aos quaes conhecer gosto , e jenio para os fazer.

§. 3. O Profefor de Rétorica será tambem da Istoria ; para o que depois de dár aos seus Dicipulos as nosões , que ficam ditas , ensinará os elementos da Istoria universal por algum rezumo succinto , claro , e metodico. Não fará discussões istoricas , que são improprias da primeira idade : mas sómente explicará os principios jeraes , em que se funda toda a Istoria , fazendo-lhes saber as principaes nosões da Cronolojia , das epocas , e das suputações dos tempos em comum : depois as da Jeografia com um ordinario conhecimento da Esfera , e dos Mapas , de sorte que os Estudantes saibão as situações da terra nos seus lugares principaes , e possam buscar no Mapa qualquer Provincia , ou Cidade

famozza ; e ultimamente os fatos mais celebres do Mundo civil nos seus diversos Governos, e Imperios mais famozos, especialmente no de Portugal : e todo o ensino da Retorica, e da Istoria se deverá concluir em um ano.

C A P I T U L O V.

Da Filozofia.

A Filozofia é a ciencia, que ensina a indagar as coizas pelas suas cauzas, e efeitos ; e se divide em tres grandes partes, que são a Racional, Moral, e Natural : na Filozofia Racional se comprehende a Lojica, que dirige as operasões do entendimento, e a Ontolojia, que prepara os principios ideaes de todas as ciencias : a esta se ajunta a Pneumatolojia, na qual se comprehende a ciencia dos Espiritos, e se divide em Teolojia Natural, e Psicolojia, e do concurso de ambas se fórma a Metafizica, que trata dos primeiros principios, e da Natureza Espiritual. Na Moral se comprehende tudo o que pertence á Etica, que trata da composiçaõ dos costumes, e da moderaçaõ das paixões, em que consiste a felicidade da nosa vida. Na Natural finalmente tudo o que pertence á contemplaçaõ da Natureza ; mas como são muitos os ramos das ciencias, que tem por objeto a contemplaçaõ da Natureza, e Nós no noso Seminario, não pretendemos estabelecer um Colegio de ciencias universaes ; mas sim, e taõ sómente uma Escola de prin-

principios elementares , proprios não só de um bom , e verdadeiro Ministro da Igreja ; mas tambem de um bom Cidadão , e de um indagador da Natureza , que adora o Creador nas suas obras , e as faz servir ao bem dos ómens ; dividiremos o estudo da Filozofia em duas partes : na primeira trataremos da Logica , Metafizica , e Etica , e parte da Fizica Experimental ; e na segunda da Istoria Natural , e Quimica.

Do Profefor de Filozofia.

§. 1. O Profefor de Filozofia ensinará a Logica , Metafizica , e Etica por algum compendio moderno , escolhendo , e explicando com clareza sómente as questões uteis , que pertencerem aos conhecimentos humanos , Juizos , Discursos , Critica , Ermeneutica , Ontolojia , Psicolojia , Teolojia Natural , regras , e principios das ações moraes , virtudes , e officios dos ómens , sem difuzões , nem perplexidades , que embarasão o progresso dos estudos : deve explicar aos seus Dicipulos , que coiza seja metodo , em que consiste , e em quantas partes se divide ; como se descobre a verdade pelo metodo Analitico ; como se ensina , e convence pelo metodo Sintetico ; e que coiza seja metodo Socratico.

§. 2. Explicará tambem um dos ramos da Filozofia Natural , ou Fizica Experimental pelo que pertence tão sómente á Mecanica , e a Idrostatica , e os principios necesarios para a intelligencia das maquinas , e das suas foras ; cujo conhecimen-
to

to é muito necesario para fazer mover, e levantar grandes corpos, e conduzir as aguas em um pais, cujo fundo principal consiste na Agricultura, e no trabalho de lavrar as terras, cavar, e extrair os mineraes &c.

§. 3. O Profefor de Filozofia ensinará tambem as verdades de fato da Iftoria Natural avidas pela obfervação, pertencentes aos tres Reinos da Natureza, Animal, Vegetal, e Mineral; e fairá a pafeio fóra da Cidade com os feus Dicipulos em algumas tardes para os fazer ver no campo a mefma Natureza produzindo, e principalmente aqueles productos fobre que já lhes tiver dado algumas noções, ou ouver de lhes explicar immediatamente: mas como a obfervação por fi só não basta fem a experiencia, deverá tambem pafar para o conhecimento interno dos productos da Natureza, em cuja indagação confifte o principal objeto da Quimica; para o que ensinará aos feus Dicipulos a indagar as propriedades particulares dos corpos, analizando pelo meio da arte os principios deles, e examinando os elementos de que eles fe compoem, e defcobrindo os efeitos, virtudes, e propriedades relativas, que rezultaõ da miftura, e applicação intima de uns aos outros.

§. 4. E' necesario porém, que a Iftoria de cada um dos productos da Natureza, principalmente daqueles, que fãõ proprios da Zona Torrida, ou muito raros nos outros Climas, feja muito bem defcrita, e dezenhada, e as fuas analizes muito bem circumftanciadas, para que os Sabios, que abitaõ fóra da
Zo-

Zona Torrida, que ou não tem, ou não podem ter os ditos produtos tão perfeitos, e taes, quaes a Natureza os produs no lugar dos seus nascimentos, se possa aproveitar do nosso trabalho, e nós também das suas luzes: e por isto o Profefor de Filozofia examinará, e emendará as Difertasões, que os seus Dicipulos fizerem, e depois de bem corrigidas, feroão além dos seus Autores afinadas também pelo Profefor, que as entregará ao Reitor do Collegio, para se fazer uma coléção propria da Istoria Natural dos produtos do Brazil, das suas analyses, e das suas virtudes: e todo o ensino da Filozofia se deverá concluir em dois anos.

C A P I T U L O VI.

Da Jeometria.

A Jeometria é a Ciencia, que ensina a medir, não só a terra, mas também a agua, os corpos celestes, e jeralmente a quantidade, segundo todas as suas dimensões.

Do Profefor de Jeometria.

§. 1. O Profefor de Jeometria principiará pelo ensino da Aritmetica, a qual trata das diversas combinações dos números; e explicará as nosões preliminares do número, e da unidade, cuja natureza deve procurar que seja bem entendida pelos seus Dicipulos; porque sem isto não poderaão jámais
posuir

posuir cientificamente a teorica desta diciplina, nem proceder com acerto na prática: procurará, que os seus Dicipulos não sómente adquirão o conhecimento das regras, e a facilidade, e prontidão na execução, mas tambem a razão scientifica, em que todas elas se fundão. Daqui pasará a mostrar a formação dos números quadrados, e cubicos, e a extração das suas raizes: as propriedades principaes das proporsões, e progressões, tanto aritmeticas, como geometricas, e as regras de mais uzo, e importancia, que delas dependem; como são a regra de tres simples, e composta, direita, e inversa; e as regras da falsa posição, de sociedade, de liga &c.

§. 2. Depois de ter explicado o que no tempo presente é bastante saber da Aritmetica por um modo concizo, e abreviado, pasará a ensinar a Geometria Elementar: esta ciencia requer todas as atenções possíveis, e serve de acostumar o entendimento a sentir a evidencia dos raciocinios, a procurar a exatidão, e o rigor jeometrico das demonstrações, e discorrer methodicamente em qualquer materia: e como os Elementos de Euclides são os que até agora melhor tem ensinado a ligar as idéas, e os discursos, não avendo propozição alguma solitaria, mas enlascando todas necessariamente umas com as outras, deverá o Profefor dar as suas lições pelos ditos Elementos, e fará quanto fôr possível para juntar a teorica com a prática, mostrando distintamente o uzo, e applicação das propozisões, que explicar.

§. 3. Acabada a Geometria, pasará a ensinar a
Trigo-

Trigonometria plana , que dela se deriva , e é de absoluta necessidade para a prática. Depois pasará a explicar a Aljebra elementar , que trata das propriedades da quantidade mais em jeral , e que en-
fina os principios fundamentaes da analize , que é a xave de todos os descobrimentos , a que po-
de xegar o Espirito umano a respeito de tudo o que é quantidade. Todo este ensino se deverá concluir em um ano.

C A P I T U L O VII.

Da Teologia.

A Teologia Revelada , ou Cristã ainda que verdadeiramente não seja mais do que uma só ; que toda proceda do mesmo principio, que é Deus Autor da Revelação ; que toda se derive das mesmas fontes a Escritura , e a Tradição , que são os dois orgãos sagrados da Divina Revelação ; que toda tenha por objeto simultaneo , e individuo as regras do que devemos crêr , e obrar , pela intima união que elas tem entre si ; e finalmente que toda se deva sempre referir a Deus como a seu ultimo fim ; com tudo para maior commodidade do seu estudo , e da preparação necessaria para as diversas funções do seu exercicio , costuma ser dividida pelos Teologos em diferentes especies , tanto em razão dos objectos immediatos , e fins particulares em que ella se occupa , como em consideração do diverso metodo , com que a trataõ os mesmos Teologos.

Considerada em razão dos objectos immediatos, e proximos, divide-se a Teologia em Teoretica, ou Especulativa, e em Prática, ou Moral. A Teoretica, ou Especulativa tem por objecto immediato, e proximo a explicação da Fé, e dos Dogmas da Religião, e versa precisamente sobre as verdades, que nós os Cristãos devemos crer. A Prática, ou Moral occupa-se toda em dirigir as acções, e formar os costumes do Cristão, em regular o Culto Divino, e prescrever as Ceremonias Sagradas; por onde se vê, que o seu objecto immediato, e proximo consiste no que devemos obrar.

Uma, e outra se subdivide em diferentes especies: a Teologia Teoretica, ou Especulativa se subdivide em Dogmatica, Simbolica, Pozitiva, e Polemica: Dogmatica em quanto tem por objecto a explicação dos Dogmas da Fé: Simbolica em quanto explica o Dogma pela ordem, e serie do Simbolo: Pozitiva em quanto se explica por argumentos pozitivos da Escriitura, e da Tradição: Polemica em quanto indica os erros contrarios á Fé, e defende os Dogmas contra eles.

A Teologia Prática se subdivide em Moral, Disciplinar, e Liturgica: Moral em quanto trata em geral dos principios da Moral Cristã, da Natureza Moral do ómém, da norma das suas acções moraes, e em particular dos officios da Moral Cristã relativos á Sociedade Natural, Civil, e Religioza: Disciplinar em quanto explica certas verdades, assim teoreticas, como práticas, que não pertencem á essencia da Religião, ainda que digão respeito á Fé, e aos costumes;

tumes; e por isto são variaveis pela Igreja com attenção aos tempos, aos lugares, e ás pessoas; e se diz Canonica em quanto trata da forma politica, e exterior do governo da Igreja; e se diz Istorica em quanto expõem em particular as variações succedidas na Igreja a respeito do Culto.

Além destas principaes divizões, e subdivizões da Teologia, á outras muitas, cujas diferentes nosões se podem ver nos Teologos, especialmente modernos, que para darem um conhecimento mais especifico de todas as partes da Teologia, e fazerem conceber uma idéa mais clara, e completa da extensão desta Sagrada Ciencia, se tem applicado a distinguir todas as especies dela, e a explicar a natureza, e fim particular, e proprio de cada uma das ditas partes.

A Iistoria da Igreja tambem se divide em Sagrada, e Ecclesiastica propriamente. A Sagrada é a que comprehende o Antigo, e Novo Testamento até á gloriosa Ascensão de Jesus Christo: a Ecclesiastica propriamente é a que refere os acontecimentos da Igreja, e todos aquellos, que com elles tem relação, desde a Ascensão de Christo até o presente.

Sendo pois como é a Iistoria da Igreja uma fiel narração dos fatos, que servem de provas da nossa crença, e de regras das nossas ações moraes sem mais outro ligamento do que o da Cronologia, e o da simples serie dos tempos; e a Ciencia Teologica não sendo mais do que a arte de ligar, tezer, e encadear os fatos que servem, e devem servir de provas da verdade, e da demonstração do que devemos

crer, e do que devemos obrar; é claro, que o estudo da Iſtoria da Igreja deve ſer o primeiro do Curso Teologico do noſo Collegio, viſto que conforme a boa ordem, e diſtribuição das materias, aquelles fatos, e principios, que ouverem de ſervir de baze ao edificio dos noſos diſcurſos, ſe devem pôr em primeiro lugar.

E ſuposto ſejaõ as materias muitas, e grande a extenſão da Ciencia Sagrada, com tudo Nós cingindo-nos taõ ſómente aos eſtudos elementares, e quantos baſtem para dar as principaes noções deſta Ciencia aos noſos Teologos, e abrir-lhes as portas dos eſtudos, que elles depois devem ſeguir pelo ſeu trabalho, e applicação; determinamos, que o Curso Teologico do noſo Collegio ſe complete em tres anos, e que tres ſejaõ os Profefores, que deveraõ explicar as materias dele na fórma ſeguinte.

Do Profefor da Iſtoria Eccleſiaſtica.

§. 1. Além dos principios jeraes da Cronologia, e da Jeografia, em que já ſupomos inſtruidos os noſos Collegiaes nas aulas menores na fórma que fica determinado no Capitulo IV §. 3. Parte 3. deſtes Estatutos, deve o Profefor da Iſtoria Eccleſiaſtica fazer uma breve recapitulação aos ſeus Diſcipulos dos Elementos da Cronologia, e da Jeografia, tanto Sagrada, como Eccleſiaſtica, em que ſe compreendaõ as diviſões dos tempos, e dos lugares pertencentes á Iſtoria de ambos os Teſtamentos, e da Igreja.

§. 2.

§. 2. Dispostos com estes necesarios preludios, pasaráo ao estudo da Istoria Sagrada, que principia na creação do ómem, e acaba na Acensão do Omem Deus. Para maior facilidade se póde dividir esta Istoria em duas partes, uma Tipica, ou Figurativa, que se estende até o Nascimento de Jezus Cristo, e se póde tratar segundo a ordem dos quatro estados do Povo de Deus debaixo do governo dos Patriarcas, dos Juizes, dos Reis, e dos Pontífices: outra Evangelica que comprehende a Vida do Salvador do Mundo até sobir aos Ceos; e se póde explicar segundo a ordem, que se costuma seguir na harmonia do Evangelho.

§. 3. No ensino da Istoria da Igreja, a qual é como a continuasão da Istoria Sagrada, seguir-se-á a ordem dos Seculos, mostrando-se em cada um deles, quaes foraõ os Sumos Pontífices, que governáraõ a Igreja; quaes os Concilios, que se celebráraõ; quaes os Dogmas, que se definiraõ; qual a Dicipлина, que se observáva; quaes as disputas em materias ecleziasticas, que se fucitáraõ; quaes os Ereges, que combatêraõ a verdade; quaes emfim os Varões illustres em santidade, e doutrina, que florecêraõ. Pela mesma ordem principiando pela suceção dos Bispos nas Diocezes mais antigas, se explicará em compendio a Istoria particular da Igreja Luzitana em correspondencia a cada Seculo, e tambem a da Nosa Dioceze.

§. 4. Todas estas noticias devem ser acompanhadas de judiciozas reflexões, principalmente no que dis respeito ao conhecimento dos Dogmas, e á altera-

teração da Dicipina , dois objetos que neste estudo deve ter sempre diante dos olhos o Profefor ; porque estes fatos , que ele ensina difperfos sem outra ordem mais do que a dos Seculos , são os mesmos que depois seirão de propôr segunda vez unidos , e ligados em um corpo , por ordem sistematica nas duas partes da Teologia Dogmatica , ou Especulativa , e da Dicipinar , ou Prática. Todo o ensino da Istoria Ecclesiastica se deve concluir em um ano.

Do Profefor de Teologia Especulativa.

§. 1. Deverá o Profefor de Teologia Especulativa principiar as suas lições por uma breve noticia da Revelação , mostrando a certeza da sua existencia , e a necessidade que dela tinhaõ os ómens , principalmente depois do pecado de Adaõ : pasará depois para a doutrina dos Lugares Teologicos , dividindo-os em primitivos originaes , e em derivativos secundarios ; e fará ver , que os primitivos são a Escritura , e a Tradição , e que os Secundarios são os Concilios , principalmente os Jeraes , e o consenso dos Bispos ; e depois de se mostrar a sua instituição de direito Divino , pasará a mostrar o poder , que a cada um deles compete de julgar as materias de Religião , como Juiz nato da Igreja , e que o Pontifice Romano é o primeiro Juiz instituido por Jezus Cristo nas controversias da Religião , e o primeiro Depozitario das xaves dos Reinos dos Céos , para o que se deverá estabelecer a instituição Divina do seu Primado de onra , jurisdição , e autoridade.

Mof-

Mostrará também que os Santos Padres, e Doutores da Igreja, como testemunhas da Tradição, constituem um lugar derivativo: e da mesma sorte os Simbolos, ou fórmulas da Fé, que são outros tantos Compendios da Doutrina, que a Igreja propoem á crença dos Fieis; para o que se deverá dar uma noticia de todos os Simbolos, e livros simbolicos, em que eles se contém, como são o Apostolico, o Niceno, o Constantinopolitano, o Atanaziano, o Lateranense, o Vienense, e a Confissão da Fé de Pio IV acomodada á Doutrina do Concilio de Trento.

§. 2. Mostrará enfim, que só a Igreja é, e póde ser o verdadeiro Juis, a Regra certa, e o Organão infalivel das verdades cristãs; por não ser possível que compita este juizo a cada um dos Fieis; porque de se arrogar qualquer deles o Magisterio da interpretação da palavra Divina, desprezando a Autoridade publica da Igreja, á qual Deus prometteo a sua assistência, resultaria infalivelmente serem tantas as decizões, quantas fossem as cabeças; que assim se abalaria o Edifício da Religião; que nela não averia firmeza; que tudo se poria em opinião; e que em lugar de ser ella uma, seriaõ muitas, como infelismente tem mostrado a experiencia de tantos Seculos com o grande numero de erezias, e de erros, que tem infestado a Igreja, os quaes todos naceraõ de se arrogarem os Autores delas o juizo particular da interpretação da palavra Divina, e de desprezarem a Autoridade publica da Santa Igreja Catolica.

§. 3. Feita esta introdução entrará o dito Pro-
fe-

fesor no ensino da Teolojia Especulativa, e tratará de Deus, e de suas Perfeições Divinas, ou Atributos. Da distincão das tres Pessoas em Deus, e das propriedades, que singularmente competem a cada uma delas. Do primeiro effeito exterior, pelo qual principiou Deus a manifestar-se, isto é da Creação em jeral, e em particular da Creação dos Anjos, e mais particularmente ainda da Creação do ómem, como imagem de Deus; onde se exporá o primeiro estado do ómem, que é o da Instituição, ou da innocencia, em que foi creado. Do segundo effeito exterior, pelo qual Deus continúa a manifestar-se; isto é da Providencia tanto em jeral a respeito de todas as coizas creadas, como em particular a respeito da Creatura Racional.

§. 4. Depois pasará a explicar a parte da Teolojia, a que os Padres dão o nome de Economia Divina, por conter as verdades, que dizem relação á restauração da innocencia do ómem perdida pelo peccado, e tratará do segundo estado do ómem, que é o de Destituição, ou de culpa em que elle mesmo se pôs abuzando da sua liberdade. Do peccado em jeral, e em particular do peccado orijinal, mostrando-se a sua natureza, cauza, fórma, sujeito, e consequencias, e principalmente a sua transgressão. Da necessidade de um Libertador, que restaure-se os estragos do peccado do primeiro ómem. Da Revelação deste Divino Libertador feita a Adão, e conservada em todas as idades, que precederao ao Nascimento do Messias prometido.

§. 5. Explicada a Economia Divina a respeito do

do ómem no estado da culpa , segue-se a explicação da mesma Economia Divina a respeito do ómem , no seu terceiro estado , que é o de Restituição commutada , ou da Graça , ao qual foi elevado por Deus. E principiando pela Pessoa do Libertador , tratará das Profecias sobre o Messias prometido , verificadas em Jezus de Nazaré. Da Incarnação do Verbo , e consequentemente da Divindade de Jezus Christo. Do Omem Deus, como Mediador entre Deus, e os ómens, e juntamente da invocação , e culto dos Santos , que são os Mediadores subalternos. Do mesmo Omem Deus, como Legislador , e Autor do Novo Testamento : onde se fará ver qual é a verdadeira noção da Igreja ; qual a natureza do governo interior, que Jezus Christo nela deixou estabelecido ; qual o poder das Xaves , que o mesmo Divino Instituidor communicou aos Apostolos , e aos seus legitimos Successores ; quaes em fim os seus membros , as suas notas caracteristicas &c. Do mesmo Omem Deus como Sacerdote ; onde se exporá a instituição do Sacrificio da Lei Nova , a sua differença dos Sacrificios da Lei Antiga , os seus efeitos , o seu fim &c.

§. 6. Depois de considerar as principaes propriedades, e funções divinas da Pessoa do Libertador segue-se explicar os meios sobrenaturaes, que Elle nos deixou para podermos conseguir a salvação , que mereceo para nós com a sua morte. Estes meios são a Graça Medicinal, e os Sacramentos. Em quanto á Graça , depois de se narrar em compendio a Istoria dos diversos Sistemas dos Teologos da Escola sobre a natureza deste dom maravilhoso da Divindade ,

fem se tomar partido por algum deles , nem se demorar a refuta-los , tratará da Graça da Vocação , da Graça Adjuvante interna , da necessidade da Graça , da sua efficacia , da sua fuficiencia , da necessidade da Fé em Jezus Cristo : depois de se explicarem os meios sobrenaturaes , que nos dispoem para a Justificação , e para nos serem applicados os frutos da Paixão do Redentor , se pãe a tratar da mesma justificação , e do merecimento do ómem no estado da Graça , da Redenção a favor do ómem no seu quarto estado , que é o de Restituição consumada , ou de Gloria Eterna.

§. 7. Explicadas pois primeiro que tudo as mudanças , que aõ de preceder a este ultimo estado , ou sejaõ particulãres como a Morte , o Juizo particular , o Purgatorio &c. , ou sejaõ jeraes como a Resurreiçaõ dos corpos , a segunda Vinda de Jezus Cristo , o Juizo universal , a Consumação do mundo &c. ; se exporã , quanto a nosa fraca razãõ ajudada com as luzes da Fé pôde compreender , a grandeza do premio da vida eterna , que Deus tem reservado para os que nesta vida mortal se foubarem aproveitar dos merecimentos do Redentor , e a enormidade da pena da morte eterna , que Deus tem igualmente destinado aos que desprezã a sua Lei. Todo o ensino da Teologia Especulativa se deverã concluir em um ano.

Do Professor de Teologia Prática.

§. 1. O Professor de Teologia Prática deverã
prin-

principiar as suas lições pela explicação da Etica Evangelica, a qual toda se ocupa em descobrir ao Cristão o caminho da vida eterna, e por consequencia em dirijir para este fim sobrenatural as ações moraes do ómem segundo a Lei da Graça, que Jezus Cristo veio intimar-nos. Esta Etica Divina é tanto mais sublime do que a Filozofia, quanto é superior a felicidade eterna á temporal; a efficacia da Graça á debilidade da Natureza; a luz da Fé ás sombras da razão humana. E para melhor se tratar esta importantissima Ciencia será necessario dividi-la em Jeral, e em Particular.

§. 2. Na Jeral tratará do Sumo Bem, e verdadeira felicidade da vida eterna, e das verdades jeraes donde se dedus a teorica, e a prática da doutrina moral do Evangelho: das Leis como norma das ações moraes, e da sua applicação a elas, como principio donde nace a Imputação &c., e deverá ensinar as principaes regras do Decalogo por ser este um admiravel compendio de toda a moral cristã. Na Particular deverá dár a verdadeira noção do que é officio do ómem Cristão, e a applicação aos ministerios ecleziasticos; e explicará quaes são os officios do ómem a respeito de Deus, e juntamente as virtudes, que deles nace, e os vicios, que lhes são opostos: quaes são os officios do ómem Cristão a respeito de si mesmo, e quaes as virtudes, e vicios que se seguem da sua observancia, ou não observancia; e quaes são os officios do mesmo ómem Cristão, tanto absolutos, como ipoteticos a respeito do seu proximo; e quaes as virtudes, e vicios, que lhes correspondem.

§. 3. Depois tratará em compendio das principaes virtudes , que pertencem á Teolojia Pastoral , explicando os officios especiaes dos Pastores da Igreja de todas as Jerarquias no que respeita á prégafão da palavra de Deus ; á dispensafão dos Sacramentos ; á cura das almas ; e ao exercicio do Culto externo. Depois pasará a tratar da Doutrina Ecclesiastica , que se funda na Autoridade Legislativa da Igreja , e que por esta razão é variavel , e acomodada ao tempo , ao lugar , e ás pessoas ; e é a que forma o objeto da Teolojia Disciplinar , de cuja subdivizaõ , como já disemos , nace as duas ultimas partes do Sistema Doutrinal , a saber Teolojia Canonica , e Teolojia Liturgica.

§. 4. Pelo que respeita á Teolojia Canonica , depois de dár uma compendioza noticia da propagação do Evangelho pelos Apostolos , e das diversas perseguições , que a Igreja soffeo no seu estabelecimento ; explicará a Istoria das Instituições Canonicas , e das diversas ordens dos Fieis , que sempre ouverão na Sociedade Ecclesiastica ; da origem dos titulos , prerogativas , extensaõ de poder , funções ministeriaes , ordenações , e eleições dos Bispos em jeral , e em particular do Romano Pontífice ; dos Patriarcas , dos Exarcos , e Primazes , dos Metropolitanos , dos Corepiscopos , das prerogativas , dignidades , officios , e funções relativas de cada uma das diversas clases do Clero da segunda ordem , Presbiteros , Arcipretes , Protopapas , Diaconos , Arce-diagos , Subdiaconos , Acolitos , Exorcistas &c. : das suas ordenações , celibato , imunidades , rendas , vestido ,

tido , regras de costumes &c. Da origem da vida monastica , dos diversos generos de Monges , e de seus Institutos. Das virgens , e viuvvas na primitiva Igreja. Das regras Canonicas sobre a vida do comum dos Fieis , e diferentes ordens de Catecumenos , e da sua admisaõ. Ultimamente da Dicipina do Segredo uzada nos primeiros Seculos a respeito dos mesmos Catecumenos : e o Profefor quando explicar os Capitulos das ditas Instituições Canonicas terá cuidado de fazer tambem menção dos Capitulos das Constituições do noso Bispado , que lhes forem correspondentes.

§. 5 A respeito da Teolojia Liturjica dará tambem uma breve noção do modo autorizado pela Igreja de celebrar o Culto publico da Relijiaõ , e tratará em jeral da orijem dos Templos entre os Cristãos , de suas antigas formas , partes , edificios adjunctos , de seus ornatos , da sua Confagração , e Dedicacão ; da orijem , e uzo da Liturjia , das vestes , e vasos Sagrados , dos tempos destinados ao Culto publico , da distribuição das Oras Canonicas , da lição da Escritura , das Omilias &c. , segundo a Dicipina dos quatro primeiros Seculos da Igreja , e em particular dos diversos ritos uzados na celebração do Sacrificio ; das ceremonias , que precediaõ , acompanhavaõ , e se seguiaõ na administração dos Sacramentos em jeral , e em particular de cada um deles : das principaes solenidades de Christo , e dos Santos , do Culto das Imagens , e Reliquias , dos jejuns publicos , e especialmente da Quaresma , Temporas , Rogações &c. , e finalmente das Ceremonias

monias Ecclesiasticas praticadas nos funeraes dos Crístãos. E o Profefor quando tratar de algum dos ditos Capitulos da Liturgia terá tambem cuidado de fazer menção dos Capitulos correspondentes das ditas Constituições do noso Bispado, e dará uma sufficiente noticia dos Livros Liturgicos, e explicará as regras mais necessarias para interpreta-los.

§. 6. O Profefor depois de dar as principaes noções da Moral Evangelica, e da Teologia Canonica, e Liturgica, terá grande cuidado em dar definições claras, e exáttas, que inspirem uma perfeita noção das materias definidas. Porá depois os Axiomas, ou Regras, que contém as primeiras, e principaes verdades de que nace[m] todas as outras; trabalhará por mostrar a certeza delas, e em as pôr na maior evidencia, de que elas forem succétiveis, demonstrando-as pelos principios da Escritura, e da Tradição. Das primeiras verdades passará ás segundas, que são as conclusões immediatas, e que dos ditos principios, e Axiomas, ou da combinaçãõ deles se deduzem. Destas expenderá sómente as que forem mais notorias, e tiverem um uzo mais universal na vida cristã, e na administraçãõ dos Sacramentos.

§. 7 E por não transgredir os termos de um Compendio omitirá as conclusões, que forem mais singulares, e de um uzo menos frequente: porque ainda que estas são tambem necessarias no uzo, e exercicio; com tudo não é possível, nem preciso que todas se aprendaõ logo juntamente com a primeira doutrina da Ciencia; pois que bem sabidos

os principios , não é difficultozo a qualquer ómem de mediano talento , e de algum exercicio da Logica o deduzir deles as regras , e applica-las aos cazos occurrentes. E para que os Dicipulos possaõ por si só fazer estas dedusões , e applicasões , deve o Profefor exercita-los nas Aulas nas mesmas applicasões , e dedusões : dando-lhes alguns cazos para eles os rezolverem por si só com a simples lei dos principios , revendo as rezoluções dadas por eles , aprovando-as , ou emendando-as no que pecarem.

§. 8. O Profefor porém se deverá abster de seguir a estrada dos Moralistas Cazuistas , não só dos máos , mas ainda dos bons : porque além de não darem as regras unidas em um corpo , e tratadas com boa dedução como é necessario para os Dicipulos poderem conceber uma boa idéa , e formar um justo Sistema de toda a Moral Evangelica ; lhes fazem perder o seu tempo no estudo de cazos particulares , e desligados , sem regra , sem metodo , e sem Sistema , inabilitando-os por isto de poderem rezolver com segurança qualquer cazo , que ou eles não tenhaõ estudado , ou não seja em tudo semelhante a algum dos que elles estudaraõ.

§. 9. Fará tambem saber aos seus Dicipulos , que a Moral tem principios certos , e evidentes , que isto basta para sobre eles poder cair a verdadeira demonstraõ : e que isto não só procede na Moral Evangelica , cuja certeza , e evidencia depende da Revelaõ , claramente manifestada na Escriçtura , e reconhecida pela Tradisaõ ; mas tambem na Moral Filozofica : porque a razãõ ensina a todos

dos os ómens , que a querem ouvir , que nem eles , nem este Mundo , que os cerca , se fizeraõ por si : que á um Ente Supremo Creador do Universo , a quem eles devem tudo o que saõ : que sendo todos iguaes por natureza devem amar-se , dezejar-se , e procurar-se reciprocamente todo o bem que podem : que devem falar verdade , cumprir as suas promesas , e observar fielmente os seus contratos , e convensões. Estes grandes principios , e outros semelhantes , todos por si mesmo evidentes , foraõ confirmados pela Revelasaõ na Lei Escrita , e depois na da Graça ; e delas se dedus toda a Moral com o uzo dos bons raciocinios , guiados pelas regras da verdadeira Lojica.

§. 10. E porque os Domingos , e dias Santos saõ dias santificados , e dedicados ao exercicio das virtudes cristãs ; ordenamos que cada um dos Profesores de Teolojia por seu turno , principiando pelo de Teolojia Prática , nos primeiros Domingos de cada mês em uma das Aulas com todos os Estudantes Teologos , e com aqueles que se quizerem instruir na Teolojia Moral , fasa conferencia sobre algum , ou alguns Capitulos da Escritura Sagrada , principiando pelos Evangelhos , e mais Livros do Novo Testamento ; e pasando aos Livros Moraes do Antigo , e em cada uma destas Conferencias , asinará o Profesor Prezidente , ou o que se seguir por seu turno , a materia para a seguinte Conferencia , para que os seus Ouvintes a leiaõ , meditem , e examinem com antefipasaõ , e venhaõ preparados a dar conta do aproveitamento , que dela tiveraõ , sendo per-

perguntados, e a colher o dezejado fruto da explicação, que aõ de ouvir. Esta explicação, que deve fazer o Prezidente, será conciza, e dirijida unicamente á reforma dos costumes, e edificação espiri-
tual.

§. 11. E em todos os Domingos da Quaresma, e do Advento se explicaráõ alguns Tratados Acéticos, ou Moraes, que vem nas Obras dos Padres da Igreja, como são por exemplo os Tratados de S. Agostinho *De Disciplina Christiana. De moribus Ecclesiæ. De utilitate jejunii. De Fide, et operibus. De patientia*, e outros semelhantes: os Tratados de S. Bernardo *De diligendo Deo. De præcepto, et dispensatione. De gradibus humilitatis, et superbiæ*, ou outros quaesquer dos da mesma classe, que se axaõ juntos na excelente obra *Bibliotheca Ascetica veterum Patrum ad usum Congregationis S. Mauri*. Todo o ensino da Teologia Pratica se deverá concluir em um ano.

C A P I T U L O VIII.

Dos Compendios.

A Escolha dos Compendios, que devem servir de texto para as lições das diversas Diciplinas destes Estatutos é um objeto digno de toda a ponderação; porque dele depende em grande parte o aproveitamento dos Estudantes. Não basta pois o juizo de um só ómem, para esta escolha ser acertada; e por isto determinamos, que nenhum dos Profesores do noso Collegio uze nas suas lições de Compendio

algun , que não tenha sido anteriormente aprovado para o mesmo fim pela Congregação Literaria, da qual trataremos adiante. E para que a mesma Congregação se conforme com o metodo já proposto , não deverá aprovar senão aqueles Compendios , que tiverem as qualidades seguintes.

Em jeral os Compendios serão. I. Elementares, isto é concizos , sem serem superficiaes ; e fecundos sem difusão. II. Sismaticos , isto é bem ordenados nas disposições das materias de que tratão , e de suas divições. III. Bem escritos com estylo puro , isto é sem barbarismos , e sem afetação de ornato. Além disto se nos ditos Compendios faltar algum dos Tratados , que nos seus lugares apontamos , poderão os Profesores supri-lo , ou extraíndo-o de outros Compendios já impresos , ou compondo-o eles mesmos , e dando-o aos Dicipulos para o copiarem depois de ser aprovado pela Congregação Literaria.

C A P I T U L O . IX.

Das Lições.

O Metodo de expor , e ouvir as Lições é outro objeto importantissimo , porque dele principalmente nasce o bom , ou máo fruto do ensino. Pelo que devem todos os Profesores , principalmente os de Filozofia , e Teolojia ; I. Explicar cada uma das definições que entraão no seu Compendio , isto é resolve-las nas idéas simples , de que elas se compoem , ilustra-las com exemplos conhecidos , e com
apli-

aplicações, e cazos particulares, e obvios II. Devem analisar cada uma das propozições do mesmo Compendio, mostrando o que nelas é Téze, e o que é Ipoteze, distinguindo as suas partes determinantes, ilustrando-as com exemplos claros, e descobrindo o nexu, que elas tem com outras propozições antecedentes, de modo que os Dicipulos fiquem persuadidos da mutua dependencia das verdades, que vão aprendendo, e conheçam distintamente o uzo, que se póde fazer de cada uma delas.

C A P I T U L O X.

Dos Exercicios vocaes quotidianos.

OS Profefores deveráo regular as óras do estudo de forte que todos os dias lhes fique tempo bastante para explicarem as materias da lição seguinte, e pedirem conta aos seus Dicipulos da ultima lição precedente; e depois da repetição das lições perguntaráo jeralmente a todos os Dicipulos se tem alguma duvida nas materias das ditas lições; e levantando-se algum que a tenha, os Profefores lhe mandaráo, que a proponha; e conforme a qualidade dela, ou lha tiraráo, ou nomearáo algum Con dicipulo, para que responda a ela, passando da nomeação de uns para os outros; e aprovaráo, ou reprovaráo as respostas, que se derem, e ilustraráo quanto fôr necessario para fazer cesar a duvida proposta, louvando sempre os que propozerem duvidas sólidas, e os que derem boas respostas. No cazo

de conter a duvida maior difficuldade , ou que não ocorra logo a melhor solusão , mandarão os Profesores que ela fique para a seguinte lição , e que entretanto se examine com mais vagar.

C A P I T U L O X I .

Dos Exercícios vocaes Semanarios.

EM todos os Sabados de cada semana averão exercicios , e disputas particulares , xamadas Saba-
tinas , nas mesmas Aulas das lições , e por todo o tempo delas , prezididas pelos mesmos Profesores , e na falta deles pelos seus Suſtitutos ; e ſendo o Sabado feriado , ſe faráo no ultimo dia létivo de cada semana. Averá ſempre pelo menos tres Defen-
dentes , e dobrados Arguentes , e tanto uns como outros ſerão todos tirados por fortes pelo Profesor. As materias ordinarias deſtes exercicios , ſerão todas as das lições , que ſe ouverem explicado na meſma ſe-
mana : e o primeiro Defendente fará uma breve re-
capitulação de todas para ſe avivar , e deſpertar a memoria delas. A fórma deſtes exercicios ſerá ſem-
pre pelo metodo Socratico , ou Dialojistico.

C A P I T U L O XII.

Dos Exercicios Semanarios por escrito.

OS Profefores no principio de cada semana darão temas, e afuntos proprios aos estudos, e comprehensão dos seus respétivos Dicipulos, para sobre eles fazerem as suas Difertações, e lhes ensinarão os preceitos, que devem observar no seu trabalho; os subsidios de que podem, e devem ferver-se, e o modo que devem guardar no uzo, e prática delles; e no fim de cada oito dias deverão os Dicipulos entregar as ditas Difertações aos seus Mestres para estes as corrijirem, ou aprovarem, e as restituirem aos seus Autores, os quaes finalmente as copiarão em um caderno, com as mesmas emendas na fórma que fica determinado no Cap. 3. §. 5.º, e Cap. 5. §. 4.º desta Terceira Parte.

C A P I T U L O XIII.

Do tempo létivo, e feriado, e da distribuição das horas do estudo em cada uma das Aulas.

O Tempo létivo principiará desde o dia 3 de Fevereiro incluzivamente; e deverão axar-se no Collegio todos os Colegiaes desde o dia antecedente, em o qual se terá cantado solenemente a Misa do Espirito Santo com assistência de todo o Corpo Literario. Durará este tempo létivo até o Sabado de
Ra-

Ramos, em que se fexaráõ as Aulas pelas onze óras da manhã. Teráõ os estudos segunda vês principio desde o primeiro dia depois do Domingo in Albis incluzivamente, até o dia 15 de Novembro, em que findaráõ as lisões, e se dará principio aos Exames anuaes até o dia 7 de Dezembro, em que se fexaráõ as Aulas; e no dia seguinte, depois de se cantar a Misa de Nosa Senhora Titular, e Padroeira do Collegio, poderáõ sair os Collegiaes para as suas cazas por todo o tempo de ferias, tanto as maiores, como as menores. Mas porque o tempo que é justamente necessario para os Exames anuaes, sómente se deve regular pelo maior, ou menor numero dos Estudantes, que frequentarem as Aulas do Collegio; mandamos que logo no principio do mês de Novembro aja uma Sessão da Congregação Literaria, em a qual se determine o dia em que se deve dar principio aos Exames, adiantando, ou atrasando o tempo que deixamos estabelecido neste capitulo, de forte que os ditos Exames não excedaõ o dia 7 de Dezembro. Além destas ferias anuaes, feráõ feriadas todas as quintas feiras de cada semana, se nela não ouver dia de guarda; e no cazo, que este occorra no Sabado ferá feriada a quarta feira, e se occorrer na segunda, ferá sempre feriada a quinta feira, de forte que nunca ajaõ cinco dias de aulas seguidas.

As óras do estudo de cada um dos Profesores nas Aulas feráõ distribuidas na fórmula seguinte. Os Profesores de Gramatica Latina, e de Rétorica teráõ seis óras de Aula em cada dia, tres de manhã
des-

desde ás oito até ás onze óras ; e outras tres de tarde , desde ás duas até ás cinco. Os Profefores de Filozofia , e de Jeometria teráo quatro óras de Aula em cada dia , duas de manhã desde ás oito , até ás des , e duas de tarde , desde as duas até ás quatro. O Profefor de Teolojia teráo tres óras de Aula em cada dia , duas de manhã desde ás oito até ás des , e uma de tarde desde ás tres até ás quatro. O Profefor das primeiras letras irá sómente dár lições de escrever nas Aulas do Collegio ás segundas , e quartas feiras de tarde em cada semana desde as quatro óras até ás cinco. E o Profefor do Canto-xão da mesma forte ás terças , e feitas feiras de tarde desde as quatro até ás cinco.

C A P I T U L O XIV.

Da forma dos Exames annuaes.

C Oncluidas que sejaõ as lições em cada anno fe-
ráõ os mesmos Estudantes examinados em todas as Dicipinas , que deraõ materia ás lições , que acabaraõ de ouvir , e se lhes afinaráõ vinte quatro óras para dentro delas estudarem a materia , que lhes fair por forte , para o que se fará uma repartisaõ de todos os Tratados de cada Dicipina em tantas partes quantas posão bastar para dar copioza materia a todas as perguntas do exame , e de cada uma das partes desta divizaõ averáõ bilhetes em que se declarem os titulos , e capitulos , que nela se incluem pelo numero das folhas , titulos , e capitulos , em
que

que fôr distribuido o Compendio , que servir para o uzo das lições das mesmas Diciplinas : depois se dobrará , e se lançará todos em uma pequena urna para eles fomite deputada.

Os Prezidentes deverão ser os mesmos Profesores , cada um na sua respetiva Cadeira , e todos serão os Arguentes , e Examinadores , uns dos Dicipulos dos outros , e ainda mesmo os Mestres serão também Examinadores dos seus respectivos Dicipulos : a saber os Profesores de Gramatica , e de Rétorica com o seu Sustituto serão Examinadores dos seus , e dos Dicipulos uns dos outros ; da mesma fórte os de Filozofia , e de Jeometria , e o seu Sustituto ; e também os de Teolojia , e o seu Sustituto.

Acabadas as perguntas , e argumentos do exame , o Bedel apresentará ao Reitor , ao Prezidente , e a cada um dos Examinadores dois bilhetes um , em que esteja escrita a letra *A* , e outro em que esteja a letra *R* , para que no dar dos seus votos possa servir-se de um , ou de outro conforme o juizo que tiverem feito do merecimento do áto. Distribuidos estes bilhetes , o mesmo Bedel lhes apresentará uma pequena caixa , na qual cada um deles lançará o bilhete indicativo do seu juizo , e recolhidos eles entregará a caixa ao Reitor , e na sua falta ao Prezidente do ato , para que este os examine a í mesmo , e regule os votos á vista de todos.

Se axar todos os votos de approvação , mandará que o Bedel declare que ficou *aprovado por todos* : se axar mais votos de approvação do que de reprovação , se dirá *aprovado simplesmente* , e se axar tantos ,

tos, ou mais votos de reprovafão fe dirá *manente*, para effeito de continuar no ano fequinte a estudar as mefmas doutrinas, e no cazo de tornar a fer reprovado no feundo exame, ferá excluido dos eftudos, e não poderá jámais fer admitido, principalmente aos em que foi reprovado, fem exprefa licença noſa, depois de examinadas as cauzas das fuas faltas de applicação: e o Bedel fará logo afento do exame com declaração effpecifica do modo das ditas aprovações de cada um dos Examinados; e os que fairem aprovados deveráo com certidão do Bedel, afinada pelo Prezidente do áto, requerer ao Vice-Dirétor, para os mandar admitir ás doutrinas do Curſo do ano fequinte, fem o que não feráo admitidos pelos Profefores nas fuas refpétivas Aulas.

C A P I T U L O XV.

Da idade, que devem ter os Eftudantes para ſe poderem matricular em Teologia.

A Inda que não determinamos a idade, que deverá ter cada um dos Eftudantes para ſe matricular em algumas das aulas do noſo Seminario, e fó fim para a entrada nos lugares de Colejiaes dele; com tudo mandamos, que nenhum dos noſos Diocezanos ſe poſa matricular no Curſo Teologico antes de ter ao menos dezoito anos de idade completos; e fará certa a ſua idade ao Vice-Dirétor pela Certidão do ſeu Batifmo, reconhecida pelo Eſcrivaõ da noſa Camara Eccleſiaſtica, debaixo da pena de ficar

M

inabi-

inabilitado para entrar em algum dos anos seguintes, desde que constar que não tem a idade competente; depois de Nos terem dado provas da observancia da Dicipina do Collegio, e do espirito de um verdadeiro Eccleziastico, poderão ser admitidos ás Ordens Sacras.

C A P I T U L O XVI.

Dos Sermões, e Orasões, que em cada ano se aõ de recitar no Collegio para exercitar os Alunos.

NA Festa de S. Jozé a 19 de Março averá um Sermaõ, e outro no dia de N. Senhora a 8 de Dezembro, os quaes seráo recitados por Estudantes Teologos, que ao menos tenhaõ a Ordem de Diacono, e seráo com tempo nomeados para iço pelo Vice-Dirétor dos Estudos, o qual juntamente com um dos Profesores de Teolojia, que lhe parecer, examinará os ditos Sermões, e os emendará no cazo que julgue necessitaõ de emenda, e para iço seráo aprézentados com tempo, logo que os tenhaõ feito. As Orasões devem ser cinco, e recitadas em Latim na Aula, ou grande sala dos átos: a primeira na abertura dos Estudos no dia 3 de Fevereiro: a segunda no dia 13 de Maio, em que fas anos o noso Serenissimo Principe do Brazil; a terceira no ultimo dia do ano létivo, todas de tarde: estas tres Orasões deveráo ser recitadas pelos Profesores de Teolojia, de Filozofia, e de Rétorica pelos seus turnos: as outras duas Orasões seráo uma de manhã
no

no dia em que se principiarem os ditos Exames anuaes, e outra de tarde no dia, em que se concluirem os ditos Exames, recitadas a primeira por um Estudante Teologo, a segunda por um Filozofio. Estas Orações devem ser aprovadas pelo Vice-Diretor dos Estudos, ouvindo primeiro os Profefores dos Estudantes que forem nomeados. E tanto os Estudantes como os Profefores se deveráo alternar todos os anos, para que por todos igualmente se reparta o trabalho.

C A P I T U L O XVII.

Da algumas advertencias a respeito dos Profefores.

OS Profefores se devem portar de tal modo diante dos Estudantes, que seja estimado o seu louvor, e temida a sua repreensão; a qual com tudo nunca se deve dar com palavras injuriozas, mas sim com palavras proprias, e capazes de lhes infundir espiritos de virtude, de onra, e de gloria: e no cazo que uma tal repreensão não baste para coibir os inquietos, e despertar os negligentes, deveráo dar parte ao Vice-Dirétor para que este lhes dê, ou mande dar os castigos que merecerem pelas suas culpas; e se ainda assim não bastarem, o Vice-Dirétor Nos informará por escrito, e com atestação do Profefor respétivo, para Nós, ou lhes acrescentarmos as penas, ou mandar-mos proceder á efétiva exclusão das Aulas do Collegio, e da companhia dos benemeritos, para os não perverter com o seu máo exemplo.

C A P I T U L O XVIII.

Da ordem das precedencias nos Atos Literarios.

EM todos os Atos Literarios terá o primeiro lugar, depois de Nós, o Reitor do Collegio, por ser o que faz as nosas vezes na Caza, em que tem todo o governo; e immediatamente o Vice-Dirétor, que fizer as nosas vezes na Diréção dos Estudos; depois destes tomarão assentos os Profesores principiando pela ordem inverfa das Cadeiras, que fica determinada nos capitulos antecedentes da terceira Parte destes Estatutos; e immediatamente aos Profesores de cada uma das Dicipinas, se seguirão os seus Suftitutos por fazerem com eles o mesmo Corpo. Estes assentos serão da parte direita da Caza, onde se fizerem os Atos, e da parte esquerda terá o primeiro lugar o Vice-Reitor do Collegio, se a eles assistir, depois seguir-se-ão os Estudantes Teologos, precedendo sempre os Sacerdotes, logo os Diaconos, e Subdiaconos, depois os Clerigos Minoristas, e finalmente os outros Estudantes de Teologia, até os das Aulas Menores, pelas suas jerarquias, e antiguidades assistindo com toda a seriedade, e civilidade por todo o tempo que durarem os Atos, aos quaes dão muito esplendor a modestia, e compostura do Corpo Literario.

CAPITULO XIX.

Das oposições ds Cadeiras.

O Meio menos equivoco, que a experiencia tem até agora descoberto para se averiguarem os merecimentos Literarios, é sem dúvida o das oposições, quando estas são bem ordenadas. E porque a escolha dos fujeitos, que desempenhem dignamente o emprego de ensinar a Mocidade é um objecto de grande importancia, e que merece ser tratado com a mais escriptuloza exatidão; mandamos, que a nenhum Pertendente se pase Provizaão de Professor, sem que primeiro tenha sido aprovado pelo modo seguinte.

Logo que vagar qualquer Cadeira, o Vice-Diretor Nos fará saber, para ou darmos a providencia, que Nos parecer mais justa, ou mandarmos fixar um *Edital* com termo certo para dentro dele se apresentarem os Pertendentes. E como para o ensino da Mocidade não basta só ter ciencia, mas é tambem necessario ter bons costumes; deveráo os Pertendentes apresentar Atestasões juradas dos seus Parocos, pelas quaes conste da sua probidade, vida, e costumes, e as cartas, ou documentos dos seus estudos, e aprovações; bem entendido, que os Opozitores que tiverem sido educados, e doutrinados no nosso Collegio, estando em iguaes circumstancias com os outros Concurrentes, aão de preferir aos Opozitores, que não forem educados nas Aulas do mesmo Co-

Colegio ; o que se deve entender não só nestes concursos de que tratamos de opposição ás Cadeiras de Literatura ; mas tambem ás dos Benefícios Ecclesiasticos , assim Canonicas , como Paroquias do nosso Bispado.

Apresentados os ditos documentos, Nós , ou o Vice-Director , que fizer as nossas vezes asinará dia em que cada um dos Oppositores deverá fazer a sua opposição , e lhe nomeará o seu Oppositor , o qual deverá ser um dos Concurrentes á Cadeira vaga , se o houver , e quando não , lhe nomeará algum dos Professores Sublicos da Cadeira a que pertencer a opposição , ou outro qualquer que seja instruido na materia dela. O Vice-Director fará aprontar em uma urna diversos bilhetes aprovados pela Congregação Literaria com os titulos dos Tratados , ou divições das materias , que se ensinão na Cadeira da opposição , e asinará dia , e hora para que o Oppositor Defendente na nossa presença , ou do que fizer as nossas vezes , tire da dita urna dois dos ditos bilhetes para fazer uma Dissertação Latina sobre as materias de um deles , que lhe for asinada , e ser examinado sobre as materias de ambos eles , trinta horas depois de tirados os bilhetes , dos quaes o Bedel fará asento no livro dos exames com declaração do nome do Oppositor , e do dia , mês , e ano.

No dia seguinte trinta horas depois de tirado o bilhete , se ajuntará na sala dos Atos todo o Corpo do Colegio , para o que se tocará a campã ; o Oppositor Defendente subirá á Cadeira , e depois de pedir venia , e invocar o Espirito Santo lerá a sua Dissertação , na qual terá exposto sistematicamente a

ma-

materia do Tratado , que lhe saíio por sorte , mostrando os principios, deduzindo deles as propozisões, e destas os corolarios , de modo que fasa ver que está senhor da materia , e que sabe explica-la com metodo, clareza , e concizaõ : esta Difertasaõ não excederá o tempo de meia óra. O Opozitor Arguente poderá impugnar ou todo o Sistema do Tratado sobre que se fes a Difertasaõ , ou cada uma das propozisões , que nela se contém : mas nesta impugnasaõ , a qual será feita pelo metodo Socratico por ser o mais proprio desta especie de exames , não gastará mais de uma óra. Depois dele argumentaráõ mais dois Profesores , que Nós , ou o que fizer nosas vezes nomear , um para argumentar na materia , que saíio por sorte no segundo bilhete , e outro para argumentar vagamente nas materias dos ditos dois bilhetes , obrigando o Defendente a fazer uzo nas suas repostas das doutrinas subsidiarias , a fim de examinarem se ele sabe , ou não fundamentalmente as materias da opozisaõ ; e cada um dos ditos dois Profesores não excederá o tempo de meia óra : o mesmo se praticará com os outros Opozitores , que ouverem.

Acabados os exames , os Opozitores Nos entregarão as suas Diferfasesõs afinadas por eles , para as mandarmos examinar pelos Profesores , que Nos parecer , os quaes Nos darão as suas censuras por escrito , que serão lidas na Junta Literaria em o dia , que Nós asinarmos : e depois de lidas se pasará a correr o Escrutinio a respeito do merecimento literario , e da capacidade de cada um dos Opozitores pela sua ordem , para o que o Bedel entregará a
cada

cada um dos Vogaes um *E*, e um *N* para que lan-
se na urna o final da sua eleição, ou negação: a urna
será aberta, e examinada na nossa presença, e de
um, ou dois Profesores; e áquele que se axar com
maior numero de votos de eleição, e com preferen-
cia aos outros, se mandará ao Secretario da Junta,
que da nossa parte faça avizo de se axar eleito
para que possa requerer a sua Provizaõ de Professor,
a qual lhe será passada com a clauzula de ser exclui-
do, logo que não observar o que por estes Estatu-
tos está determinado, ou o que pelas nossas Provi-
zões lhe for mandado.

C A P I T U L O XX.

Do Director dos Estudos.

Como pelo Concilio Tridentino, e pela Carta
Regia da Doação do Collegio, que foi dos Je-
zuitas para o nosso Seminario de Olinda, cuja copia
vai inserta nestes Estatutos, Nos está encarregada a
duração, inspeção, e administração do dito Semina-
rio; determinamos, que o Officio de Director dos Es-
tudos do dito Seminario seja inseparavel do nosso Ofi-
cio Pastoral, para mandarmos a respeito dos ditos
Estatutos, o que Nos parecer melhor, para o bem
da Igreja, e do Estado. Mas como as nossas indis-
pensaveis obrigações, nem sempre Nos permitirão to-
do o tempo para virmos de perto, como deze-
jamos, a observancia dos ditos Estatutos; determina-
mos, que aja um Vice-Director que faça as nossas ve-
zes,

zes, e que Nos avize de tudo para lhe darmos providencia.

C A P I T U L O XXI.

Do Vice-Dirétor dos Estudos.

AO Vice-Dirétor dos Estudos, que será a pessoa, que Nós nomearmos, pertence fazer observar tudo o que se contém na parte Literaria destes Estatutos : e todos os Profesores sem distincão lhe serão subordinados na fórma seguinte.

O Vice-Dirétor terá cuidado de averiguar com especial exatidão o progresso dos Estudos, para Nos poder dár no fim de cada mês uma fiel narração do estado deles, a fim de evitar os abuzos que se forem introduzindo, propondo-nos ao mesmo tempo os meios, que lhe parecerem mais convenientes, para o adiantamento dos Estudos.

Quando algum Professor deixar de cumprir com as suas obrigações, que são as que se lhes impoem nestes nosos Estatutos, e nas instrusões que lhe dermos, o Vice-Dirétor o advirtirá, e corrigirá; no cazo porém de se não emendar, Nos informará por escrito, para o castigarmos, até mesmo com a privação do emprego incluzivamente.

E porque as discordias provenientes da contrariedade de opiniões entre os Profesores, só fervem de distraí-los das suas verdadeiras obrigações, e de produzirem na Mocidade o espirito de orgulho, e de discordia; terá o Vice-Dirétor todo o cuidado

N

de

de extinguir as controvérsias, e de fazer que entre elles aja uma perfeita paz, e uma constante uniformidade de Doutrina, de sorte que todos concorram para o progresso da sua profissão, e aproveitamento dos seus Dicipulos.

E porque nenhum Profesor, nem Sultituto poderá ser pago do seu ordenado sem apresentar á Junta competente uma prova legal de ter cumprido com as suas obrigações, mandamos que o Vice-Diretor passe uma atestação em forma legal aos que tiverem desempenhado as obrigações impostas nestes Estatutos, e o que por Nós lhes fôr recomendado: e fazendo o contrario o averemos logo por excluido dos Officios, e occupações do nosso Collegio.

C A P I T U L O XXII.

Da Congregação Literaria.

Como para o bom governo, e conservação da observancia literaria se faz indispensavel uma Junta de pessoas doudas, que congregadas em Conselho deem as providencias, que forem necessarias para a direção, e adiantamento dos Estudos; por esta nossa Constituição, creamos, e instituimos uma Congregação com o nome de Literaria, da qual serão os Vogaes todos os Professores das Aulas do nosso Collegio; e Nós, ou o Vice-Diretor em nosso lugar seremos o Presidente d'ella. No principio de cada anno letivo se convocará a Congregação, na qual, além dos outros negocios de que já se tem feito menção, se tratará espe-

especialmente das providencias, que se julgarem necessarias para obviar algumas relaxasões, que no ano antecedente se tenhaõ comefado a introduzir: para o que todos os Vogaes pela ordem das suas antiguidades advirtirão, ou de palavra, ou por escrito tudo o que lhes parecer necessario para manter a boa ordem dos Estudos. Se o Prezidente julgar que alguma destas advertencias pede mais vagarozo exame ficará rezervada para se dicidir em outra Congregação extraordinaria; as outras porém serão decididas a î. mesmo, ou vocalmente, ou por escrito, conforme determinar o mesmo Prezidente.

No fim de cada ano létivo se convocará também Congregação, na qual se indagará especialmente o fruto, que produzirão as advertencias feitas no principio do ano létivo. E quando conste que algum dos Profesores, ou Sustitutos por efeito, ou de jenio, ou de preocupação, ou de partido tem contravindo de alguma sorte, ou a face descuberta, ou paliativamente as rezoluções asentadas na Congregação antecedente; o Prezidente o admoestrará na presença de todos com moderação, para que ele aja de corrigir-se; e se no seguinte ano ele continuar a dar provas da sua indocilidade, se Nos informará por escrito feito pelo Secretario da Congregação asinado pelos dois, ou tres Profesores mais antigos, para Nós o mandarmos suspender, e até mesmo excluir do exercicio da sua Cadeira, Sustituição, ou emprego literario, que ocupar, a fim de que nos estudos se conserve entre todos a uniformidade de doutrina, sem a qual tudo se reduzirá a confusão, e dezordem.

Nas ditas Congregações poderá também cada um dos Profesores propôr por escrito as suas observações sobre os defeitos, que tiver encontrado nos Compendios das suas respectivas Dicipinas, ajuntando as notas, e adições, que elles mesmos tiverem composto para suprir os ditos defeitos. Sendo estas notas, e adições aprovadas pela Congregação, poderão os Profesores da-las aos seus Dicipulos para as copiarem; e poderão também uzar delas nas Lições da Aula.

C A P I T U L O XXIII.

Do Secretario das Congregações.

PAra o emprego de Secretario se elegerá a votos da Congregação Literaria um dos Profesores, ou Sustitutos que escreva bem, que seja ativo, e que saiba pôr os livros, e papeis em boa ordem. O que uma vez fôr eleito continuará no exercicio da mesma occupação em quanto a desempenhar, e não será promovido a outra que seja com ella incompativel. A elle pertencerá escrever nos livros competentes as rezoluções da Congregação; fazer todos os assentos de que se fala em diversos lugares na Terceira Parte destes Estatutos, passar as certidões do que constar dos livros que estão a seu cargo, sendo mandado por Nós, ou pelo Presidente; e estando ausente, ou impedido fará a este respeito as suas vezes, aquelle que Nós, ou o Vice-Director nomearmos para Vice-Secretario.

O Secretario terá tambem obrigafão de fazer uma especie de Diario de todos os fucefos notaveis de cada ano relativos á Iftoria Literaria , á jeral do nofo Reino , á particular da nofa Dioceze, e á particulariffima do nofo Seminario. Em todas as Congregações Literarias deverá apresentar o Diario do ano létivo antecedente, para que ouvidas as advertencias dos Vogaes , o emende fendo necefario ; e depois de emendado o lance no livro para ifto destinado , o qual fe guardará junto com os outros pertencentes ao feu Officio ; e depois de xeio fe porá na Livraria.

C A P I T U L O XXIV

Do Bibliotecario.

O Bibliotecario do Seminario ferá tambem eleito a votos da Congregação Literaria , a qual preferirá fempres aquele Profefor , ou Suftituto , que confte fer mais bem instruido na Iftoria Literaria , e na Bibliografia ; e o que fôr uma ves eleito deverá fer confervado no mefmo emprego , em quanto fatisfizer bem as obrigafões dele. Será da fua competencia guardar o preciozo depozito , que lhe fôr confiado , para o que terá feito pela ordem das materias um Indice , em que fe declare cada um dos livros pelo carater que o fas mais conhecido ; ifto é , ou pelo titulo , ou pelo nome do Autor , e em que fe aponte com exáfão o lugar que ocupa na Livraria. Efte Indice eftará patente em alguma das mezas da
Li-

Livraria, para por ele se axar com facilidade qualquer livro que se procure. Por este mesmo Indice examinará o Bibliotecario todos os mezes se falta algum livro, ou se está fóra do seu lugar, para o pôr onde pertence; e cuidará muito no afeio da Livraria, fervindo-se para isto dos Criados do Collegio, quando fôr necessario.

Naõ consentirá, que se leve da caza da Livraria para fóra livro algum sem licença do Vice-Dirétor dada por escrito, na qual fará asinar a pessoa, que o levar, com declaração do dia, mês, e ano, em que ele foi entregue, e do tempo em que deverá restituir, findo o qual, pedirá o dito livro; e quando o receber, pasará recibo no mesmo escrito da licença para descarga de ambos: e terá sempre prontos sobre a meza da Livraria tinteiros, e penas, para os apontamentos, que quizerem fazer nas suas memorias, e cadernos, os que a ela forem estudar. Fará guardar todo o silencio na caza da Livraria, para que uns naõ incomodem aos outros, nem perturbem os que devéras se quizerem aproveitar.

Guardará todos os Temas, Disertações, Orações, e todos os papeis Literarios que forem remetidos para as gavetas da Livraria, cujas xaves terá guardadas com recato, para dar conta dos maços dos ditos papeis, quando lhe forem pedidos por Nós, ou pelo Vice-Dirétor dos estudos do mesmo Seminario.

C A P I T U L O XXV

Do Officio do Bedel.

SErá o Bedel do Collegio, o que fêr vir de Sacristão da Igreja como fica determinado na Primeira Parte destes Estatutos Cap. IX. ; a seu officio pertence mandar tocar os sinos ás óras competentes para o estudo assim dentro dos cubiculos , como nas Aulas , abrindo-as nos seus tempos determinados para as lições , e átos literarios , e fexando-as depois de findos os ditos átos , e lições ; fixar os pontos das questões Literarias nas portas , ou lugares , que lhe forem determinados ; avizar os Estudantes que aõ de ser examinados ; fazer asento das aprovações , ou reprovações deles , e servir de Porteiro das Juntas Economica , e Literaria , estando sempre pronto para quando fôr xamado , como se determina na I. Part. destes Estatutos Cap. IX. ; e terá por Sustituto , quando seja preciso , aquele que Nós , ou o Reitor nomearmos.

ETodos os cazos , que nestes nosos Estatutos não forem especialmente providenciados , mandamos que se regulem pelo que se axa determinado nos Novos Estatutos da Univerfidade de Coimbra.

F I M.

COPIA DA REAL CARTA,

PELA QUAL

A RAINHA N. SENHORA

fêz perpétua Doação do Collegio de Olinda á
S. Igreja Catedral de Parnambuco
para Seminario Episcopal.

DONA MARIA por Graça de Deos Rainha de Portugal, e dos Algarves, d'aquem, e d'além Mar, em Africa Senhora de Guiné, e da Conquista, Navegação, Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India &c. Faço saber aos que esta Minha Carta de Doação, e perpetua firmidaõ virem: Que sendo-me presente a requerimento, e por parte do Reverendo Bispo de Pernambuco Dom Jozé Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, que na Cidade de Olinda, Capital daquelle Bispado, existe ainda a Caza, que foi Collegio, e habitação dos extinctos Jesuitas, com a sua respectiva Igreja, Alaias a ella pertencentes, e Cerca, que he annexa á referida Caza, e Collegio; e tudo conservado debaixo da apprehenção, e sequestro, que nos Bens dos sobreditos Regulares se fez pelo Meu Real Fisco: E que achando-se o mencionado Collegio, Igreja, Alaias, e

O

Cer-

Cerca sem que se lhe houvesse dado até ao presente destino, ou applicação alguma; e não se lhe podendo dar outra melhor, e mais propria, que a de ser applicado para hum Seminario de educação da Mocidade, sem a qual se não pódem crear Sujeitos habéis para desempenharem os Ministerios, e Obrigações do Sacerdocio, e do Imperio: Me pediu o mesmo Reverendo Bispo fosse Eu servida fazer Doação do dito Collegio, Igreja com todas as suas Alaias, e Cerca á Igreja Cathedral do Bispado de Pernambuco, para nelle se estabelecer o referido Seminario, na forma que se acha determinado pelo Santo Concilio de Trento, recommendado pelas Bullas da Creação do mesmo Bispado, e lembrado na da Confirmação d'elle Reverendo Bispo. Ao que tendo consideração, e desejando com toda a efficacia concorrer para o bem, e augmento espirital da Igreja, e para a utilidade publica dos Meus fieis Vassallos, conformando-me com as mencionadas Bullas Apostolicas: Hei por bem, e Me praz fazer pura, livre, perpetua, e irrevogavel Doação á Santa Igreja Cathedral de Pernambuco do Collegio, Igreja com todas as suas Alaias, e Cerca, que foraõ dos referidos extinctos Jesuitas, e se achão no Meu Real Fisco, para que no mesmo Collegio se estabeleça o Seminario Episcopal na forma supplicada pelo sobredito Reverendo Bispo; ao qual, e aos seus Successores no Bispado Encommendo, e Encarrego muito a direcção, inspecção, e administração d'elle, pela mesma norma, e modo, que se acha determinado pelo dito Santo Concilio de Trento,

tô, para que aos seus prudentes, e zelosos cuidadores, e dos de seus Successores, se devaõ os pios, e virtuosos progressos de tão digna, e tão Santa Instituição.

Pelo que Mando ao Conselho Ultramarino; Marquez Meu Mordomo Mór, Presidente do Real Erario, do Conselho da Fazenda, e da Real Junta do Commercio; Meza do Desembargo do Paço; Conselho da Minha Fazenda; Meza da Consciencia, e Ordens; Vice-Rei, e Capitão General de Mar, e Terra do Estado do Brazil; Governadores, e Capitães Generaes dos Meus Dominios Ultramarinos; Desembargadores, Magistrados, e mais Juizes, Justiças, e Officiaes, aos quaes o conhecimento desta Minha Carta deva, e possa pertencer, que a cumprão, guardem, fação cumprir, e guardar tão inviolavelmente, como nella se contém, e não obstante quaesquer Leis, Alvarás, Regimentos, Provisões, Decretos, Resoluções, e Estyllos contrarios; porque todas, e todos Hei por expressamente derogados, para este effeito sómente, e como se de cada huma dellas, e delles fizesse expressa, e especial menção. E ao Doutor Jozé Alberto Leitaõ, do Meu Conselho, Desembargador do Paço, e Chanceller Mór destes Reinos, e seus Dominios, Ordeno, que a faça publicar na Chancellaria, passar por ella, e registrar em todos os lugares, onde se costumaõ registrar semelhantes Doações; e remettendo-se o Original desta para o Meu Real Arquivo da Torre do Tombo. Dada no Palacio de Queluz aos vinte e dois dias do mez de Março do Anno do Nascimento de

Nosso Senhor Jezus Christo de mil setecentos noventa e seis.

O PRINCIPE.

Marquez Mordomo Mór.

Carta, pela qual Vossa Magestade Ha por bem fazer perpetua, firme, e irrevogavel Doação á Santa Igreja Cathedral de Pernambuco, a requerimento do seu actual Bispo Dom Jozé Joaquim da Cunha de Azere-do Coutinho, do Collegio, Igreja com todas as Alaias della, e Cerca annexa ao mesmo Collegio, que existe na Cidade de Olinda, Capital do referido Bispado, para nelle se erigir o Seminario Episcopal, na fôrma determinada pelo Santo Concilio de Trento: Encarregando ao mesmo Prelado, e a seus Successores no Bispado a Inspecção, Direcção, e Governo do mesmo Seminario. Tudo na fôrma affima declarada.

Para Vossa Magestade ver.

Re-

Registada nesta Secretaria de Estado dos Negocios da Fazenda no Livro III, que nella serve de Registo das Cartas, e Alvarás, a Folhas 18 vers. Lisboa 14 de Julho de 1796.

Lourenço Jozé da Motta Manso.

Jozé Alberto Leitaõ.

Foi publicada esta Carta na Chancellaria Mór da Côrte, e Reino; pela qual passou sem embargo do lapso do tempo, por assim o ordenar S. Magestade. Lisboa 10 de Julho de 1796.

Jeronymo Jozé Corrêa de Moura.

Registada na Chancellaria Mór da Côrte, e Reino no Livro das Leis a fol. 69 vers. Lisboa 16 de Julho de 1796.

Manoel Antonio Pereira da Silva.

Lourenço Jozé da Motta Manso a fez.

Registada na Chancellaria Mór da Côrte, e Reino no Livro de Padrões, e Doações de Juro a fol. 202 vers. Lisboa 20 de Julho de 1796.

Jeronymo Jozé Corrêa de Moura.

ERRATAS.

Pag.	Lin.	Erros	Emendas
4	22	eefcrever suficiente- mente	escrever , e contar suficien- temente
17	no fim	que tenhaõ	que deles tenhaõ
27	11	foi	for
33	25	estão aluminando	estão ainda alumiando
87	6	o Profesor	os Profesores



